

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

**AS MANIFESTAÇÕES DO SEBASTIANISMO NA
LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XX**

DIPLOMOVÁ PRÁCE

Bc. Barbora Trčková

Vedoucí práce:

PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2015

Čestné prohlášení

Prohlašuji, že jsem diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným dohledem vedoucí diplomové práce a za použití uvedených pramenů.

V Olomouci, 2. května 2015

.....

Podpis

Poděkování

Děkuji PhDr. Zuzaně Burianové, PhD. za odborné vedení a připomínky a rady, které mi poskytla při psaní diplomové práce.

Barbora Trčková

Índice

1	Introdução.....	6
1.1	Concepção do sebastianismo.....	6
2	Evolução do sebastianismo até ao século XIX.....	10
2.1	Origens do messianismo.....	10
2.2	Renascença e as <i>Trovas</i> de Bandarra.....	11
2.3	D. Sebastião.....	11
2.4	D. João de Castro e as <i>Trovas</i>	13
2.5	Época da Restauração e os Joanistas.....	14
2.6	Padre António Vieira.....	15
2.7	Século 19.....	17
2.7.1	Manifestações do sebastianismo no Brasil.....	17
2.7.2	Almeida Garrett e <i>Frei Luís de Sousa</i>	20
3	Primeira metade do século XX.....	22
3.1	Saudosismo.....	23
3.2	Polémica sebastianista entre António Sérgio e Carlos Malheiro Dias.....	25
3.3	Fernando Pessoa.....	27
3.3.1	<i>Mensagem</i>	27
3.3.1.1	<i>Brasão</i>	28
3.3.1.2	<i>Mar Português</i>	29
3.3.1.3	<i>O Encoberto</i>	29
4	Segunda metade do século XX.....	31
5	José Régio – <i>El-Rei Sebastião</i>	33
5.1	Resumo da obra.....	33
5.2	Análise da obra.....	34
5.2.1	Admiração do moço de câmara.....	35
5.2.2	Abertura dos túmulos.....	35
5.2.3	Os fidalgos e conselheiros.....	35
5.2.4	Simão, o Sapateiro Santo.....	37
5.2.4.1	Fusão de D. Sebastião e do Encoberto.....	38
5.2.5	Decisão malfadada.....	39
6	Natália Correia e <i>O Encoberto</i>	41
6.1	A ação de <i>O Encoberto</i>	42
6.2	A análise da obra.....	44
6.2.1	Bonami-Rei.....	44

6.2.2	João de Castro.....	48
6.2.3	O Governo.....	49
6.2.4	Ju-Ju e Belchior de Amaral.....	50
7	<i>O Mosteiro</i> de Agustina Bessa-Luís.....	52
7.1	A ação do livro.....	52
7.2	A análise da obra.....	53
7.2.1	O Mosteiro e vale de São Salvador.....	54
7.2.2	Belchior.....	55
7.2.3	José Bento e o pícaro.....	56
7.2.4	Josefina Viana.....	57
7.2.5	D. Sebastião e o Medo.....	58
8	Almeida Faria e <i>O Conquistador</i>	61
8.1	A ação do livro.....	62
8.2	Análise da obra <i>O Conquistador</i>	62
8.2.1	A chegada do Desejado?.....	62
8.2.2	As conquistas amorosas.....	64
8.2.2.1	Clara.....	64
8.2.3	A avó Catarina.....	65
8.2.4	Sebastião e Sebastião.....	66
8.2.5	Estadia em Paris e a mudança do protagonista.....	68
8.3	A mensagem de <i>O Conquistador</i>	69
9	Conclusão.....	70
9.1	Resistência do mito e a consciência coletiva.....	70
9.1.1	Auge do messianismo.....	71
9.2	Os escritores e o sebastianismo.....	72
10	Shrnutí.....	74
11	Summary.....	75
12	Anotace.....	76
13	Bibliografia.....	77

1 Introdução

O tema deste trabalho é a manifestação do sebastianismo no século XX na literatura portuguesa. O trabalho segue a tese de bacharelado intitulada *Origem e evolução do mito sebastianista*,¹ na qual é descrita a evolução do mito até ao fim do século XIX. Neste trabalho vamos resumir a criação e o desenvolvimento do mito sebástico até ao século XX, mas o foco estará nas manifestações do sebastianismo no século XX.

Ocupar-nos-emos com as obras dos escritores portugueses do século XX que abordam o tema de D. Sebastião ou o do mito sebastianista. O século XX dividimos em duas partes: uma parte trata da primeira metade do século XX e a outra descreve a segunda metade do século XX. O foco do trabalho residirá na segunda metade, por ser mais atual. As obras com as quais nos vamos ocupar são organizadas em ordem cronológica. Trata-se de: *Mensagem* de Fernando Pessoa, proveniente da primeira metade do século XX, *El-Rei Sebastião* de José Régio que encaixamos já na segunda metade do século, junto com *O Encoberto* de Natália Correia, *O Mosteiro* de Agustina Bessa-Luís e *O Conquistador* de Almeida Faria. Nas obras referidas vamos analisar as manifestações do sebastianismo e descrever a posição dos autores perante o mito sebastianista.

1.1 Conceção do sebastianismo

O sebastianismo é geralmente caracterizado como a esperança na vinda do salvador D. Sebastião. Há muitas definições deste fenómeno português. Ruth Tobias, autora do livro *Der Sebastianismo in der portugiesischen Literatur im 20. Jahrhundert*, descreve o sebastianismo como um fenómeno que aparece em diversos contextos e em várias ocasiões:

“O sebastianismo designa um evento histórico, uma crença messiânica,

¹ Barbora Trekova, *Origem e evolução do mito sebastianista – Tese de bacharelado* (Olomouc:UP, 2012).

uma qualidade de carácter português, um mecanismo de compensação psicológico, ... um esquema interpretativo místico da história nacional e um símbolo da identidade nacional.”²

Assim o sebastianismo é um fenómeno multifacetado que abrange a história (a personagem histórica de D. Sebastião e a batalha de Alcácer Quibir), a religião e o messianismo (crença messiânica num salvador que inaugurará um Império espiritual), o mito e a psicologia.

Fernando Pessoa (1888—1935), um escritor e poeta português que se ocupou muito com este tema na sua obra publicada depois da sua morte, *Sobre Portugal*³. Caracteriza o sebastianismo como “um movimento religioso, feito em volta duma figura nacional, no sentido dum mito”, José van den Besselaar (1916 — 1991), filólogo holandês que dedicou muitas obras ao estudo do sebastianismo, diz na sua obra *O Sebastianismo – História sumária* simplesmente que “O sebastianismo é uma espécie de messianismo...” e em seguida explica:

“A fé messiânica pode ser geralmente caracterizada como uma cega fé das massas populares num líder político, julgado capaz de acabar com os abusos existentes e de inaugurar uma nova era de bem-estar geral.”⁴

O messianismo prega a vinda de um messias que salvará e libertará o povo, como por exemplo no *Antigo Testamento*, no qual o Messias salvará o povo judeu. Assim, o sebastianismo é um tipo de messianismo à portuguesa.

Com outras palavras, o sebastianismo é um mito. Esta expressão, segundo Ruth Tobias, sofreu uma extensão enorme do significado nos tempos passados. O termo “mito” vem do grego e significa “palavra”, “narração”, “fábula”. Tende a ser uma explicação exemplar do mundo. Os mitos são, na verdade, uma tentativa de descrever e estruturar o campo das coisas que não é possível captar e explicar racionalmente, das coisas sobrenaturais, sobrehumanas. São narrativas sobre a ordem

2 Ruth Tobias, *Der Sebastianismo in der portugiesischen Literatur des 20. Jahrhunderts* (Frankfurt am Main: TFM Verlag, 2002), p. 13.

3 Fernando Pessoa, *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional* (Lisboa: Ática, 1979), p. 68.

4 José van den Besselaar, *O Sebastianismo – História sumária* (Lisboa: Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio de Veiga & Antunes, Lda., 1987), p. 10.

do mundo, fortemente ligadas com a religião. Mitos são modelos que dão razão e sentido aos acontecimentos, tanto acontecimentos naturais, como da história da humanidade.⁵ Assim, no caso do sebastianismo, parece ser importante a função de dar sentido aos acontecimentos trágicos, relacionados com o D. Sebastião, com a batalha de Alcácer Quibir e a seguinte perda da independência.

António Machado Pires, professor e ensaísta que se também ocupa com o sebastianismo, diz que o sebastianismo é simultaneamente um mito da decadência e da regeneração:

“Na decadência (p. ex. na perda da independência) veio à superfície essa resposta patriótica do subconsciente colectivo. Queria-se D. Sebastião (mesmo com os defeitos todos...) porque ele era o nosso Rei, o garante da independência, a “saída” segura. O sebastianismo sui generis da Mensagem de Fernando Pessoa também é fortemente anti-decadência (Nevoeiro... “É a hora...”), ... Mas é uma esperança de tipo regenerativo; e a própria Regeneração (já séc. XIX) foi encarada sebastianicamente.

De resto, os mitos messiânicos são sempre, em alguma faceta, mitos de “regeneração total”, a uma redenção, ao mundo sem males, ao império universal, ...”⁶

Assim, segundo Pires, o sebastianismo é um fenómeno da esperança que aparece nos tempos de crise e o seu objetivo é sair da crise e regenerar a sociedade e a nação portuguesa. “Criação mítica intensa é índice de conflitos da vida colectiva”, diz ele na sua outra obra chamada *D. Sebastião e o Encoberto*.⁷ O mito, então, é um produto da frustração e da crise, o que se vê perfeitamente no caso do mito sebastianista.

Para resumir, há muitas possibilidades, diversos pontos de vista como podemos definir o sebastianismo. Nós vamo-nos concentrar na sua concepção como

5 Cf. Tobias, op. cit., p. 53.

6 „Entrevista a António Machado Pires“ in *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 3. (2005).

7 António Machado Pires, *D. Sebastião e o Encoberto* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982), p. 30.

um mito messiânico, porque nos parece mais adequado, sendo concebido como uma crença que passou a ser mito, na vinda dum messias. Foi sobretudo o Romantismo que, com o seu gosto pelo romance histórico, iniciou o debate sobre a personalidade e as motivações de D. Sebastião.⁸ Das várias obras literárias sobre este assunto, nós escolhemos algumas, do nosso ponto de vista as mais importantes, para mostrar a evolução e influência do mito sebástico nos dias presentes.

8 Cf. Maria de Fátima Marinho, “D. Sebastião entre o Ser e o Parecer” in *Nátalia Correia: 10 anos depois* (Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2003), p. 32.

2 Evolução do sebastianismo até ao século XIX

Neste capítulo vamos descrever a formação do sebastianismo e a sua evolução na história portuguesa e as suas manifestações na cultura portuguesa até ao fim do século XIX.

2.1 Origens do messianismo

Segundo Besselaar, o messianismo português tem raízes no joaquimismo. Esta denominação vem dum abade cisteriense, Joaquim de Fiore,⁹ que viveu na Itália no século XII (c. 1132–1202). Apesar de ser abade, foi também filósofo místico e ocupou-se imensamente com os estudos dos textos da Sagrada Escritura, as quais tentou interpretar no contexto histórico. Joaquim de Fiore creu num plano divino e redentor no mundo e acreditou que nada acontece sem sentido. O joaquimismo depois passou por uma evolução. “Podemos dizer que o joaquimismo do fim da Idade Média é a esperança na vinda de um grande Reformador, que há-de livrar a cristandade de inimigos internos e externos e estabelecer um reino universal de paz e justiça.”¹⁰

Já nos anos críticos de 1383 a 1385¹¹ existia em Portugal um messianismo, cuja expressão encontramos no sermão de Frei Pedro, transmitido por Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*.¹² Era uma esperança posta na pessoa de Nuno Álvares Pereira e na dinastia de Avis. Esta foi “depois transmitida à pessoa de D. Sebastião, quando dois séculos depois apareceram as *Trovas* de Bandarra que garantiam uma vinda da independência – só aqui aparece D. Sebastião.”¹³

Como se a inclinação aos sonhos e ao messianismo fosse uma parte da alma

9 Joaquim del Fiore fundou também uma nova ordem chamada Ordem dos Florenses, cujos monges também contribuíram para o espalhamento das ideias de Joaquim de Fiore.

10 Besselaar, op. cit., p. 21.

11 Os anos 1383 – 1385: período de crise nacional, da guerra civil por causa da falta dum rei.

Fernando I. de Portugal morreu em 1383, e no ano de 1385 aconteceu a batalha de Aljubarrota, na qual o líder das tropas portuguesas foi o Nuno Álvares Pereira.

12 Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*. Parte II, Cap. 48.

13 Tobias, op. cit., p. 61, tradução nossa.

portuguesa desde sempre. E só com o sebastianismo recebeu um foco apropriado, à volta do qual se possa desenvolver e perdurar.

2.2 Renascença e as Trovas de Bandarra

Vemos que os portugueses sempre inclinaram ao messianismo. Quase dois séculos mais tarde aparece um perigo sob a forma da soberania espanhola por causa da falta dos sucessores de D. João III. (reinou nos anos de 1521 – 1557). Nesta altura, um sapateiro de Vila de Trancoso, Gonçalo Anes Bandarra (1500 – 1556), escreveu umas coplas que deveriam apoiar o ânimo do povo português chamadas *Trovas* de Bandarra (escritas antes do ano 1541 e pela primeira vez editadas em 1603 por João de Castro).

Nestas *Trovas*, o autor prediz a chegada dum governador que salva Portugal e leva-o da miséria. As *Trovas* e com elas ligados mitos do Rei Desejado (que depois passa para o Rei Encoberto, como vamos ver a seguir) e do Quinto Império, império da prosperidade que este rei ia iniciar, é o documento mais importante do movimento messiânico, que existia já antes do nascimento de D. Sebastião. As *Trovas* tornaram-se a Bíblia dos sebastianistas. Nelas Portugal dará o Encoberto ao mundo, que vencerá os Turcos e inaugurará a Monarquia Universal „em que todos os povos e todas as culturas se submeterão à Lei de Cristo”¹⁴, como diz Besselaar.

2.3 D. Sebastião

Neste ambiente nasce, em 1554, o Rei Desejado, D. Sebastião, neto de D. João III. Segundo alguns historiadores, ele foi desvairado e louco, outros acharam-no um herói valente. Assim vemos que D. Sebastião desperta até hoje em dia emoções diversas.

Como diz Ruth Tobias, “a personagem do rei não é importante para a criação mítica. O fato mais decisivo são as esperanças e expectativas que se ligam ao seu

14 Basselaar, op. cit., p. 58.

regresso.”¹⁵ A essência do sebastianismo não é a personagem do rei, mas sim as esperanças que os portugueses têm.

D. Sebastião nasceu então no dia 20 de Janeiro de 1554 como sucessor do rei D. João III. Cresceu sozinho com a sua avó, D. Catarina (viúva do rei D. João III e irmã de Carlos V espanhol). Ela tornou-se, depois do falecimento do D. João III, regente, porque no ano da morte de D. João III, em 1557, D. Sebastião era inda criança e não pôde reinar. D. Sebastião subiu ao trono no ano de 1568, ao ter 14 anos.¹⁶

As consequências do seu reinado são bem conhecidas. Portugal foi derrotado no dia 4 de Agosto de 1578 na batalha junto ao Alcácer-Quibir e D. Sebastião foi provavelmente morto. Uma metade da nobreza portuguesa e do exército foi morta, uma metade ficou no cativeiro. Porém, como ninguém viu D. Sebastião cair na batalha nem o cadáver podia ser identificado de certo, surgiram dúvidas sobre D. Sebastião estar morto. E por causa das dúvidas da identidade do cadáver de D. Sebastião, sepultado no Mosteiro dos Jerónimos em 1582, advinha a fama e a esperança de D. Sebastião estar vivo. D. Sebastião, apesar de não ser muito popular no tempo do seu reinado, depois da sua morte foi reabilitado e mitificado – as qualidades más foram esquecidas. D. Sebastião era de repente descrito como um rei de ótimas qualidades¹⁷ e foi idealizado. E como na sua pessoa eram postas tantas esperanças, o povo concentrou-se na ideia de o seu monarca estar vivo. Espalhou-se assim a ideia de D. Sebastião esperar num lugar seguro, recuperando forças para um dia voltar, salvar Portugal e estabelecer a monarquia do bem-estar.

No tempo da soberania espanhola, entre os anos 1580 e 1640¹⁸, os reis

15 Tobias, op. cit., pp. 67 – 70, tradução nossa.

16 Cf. Trckova, op.cit., p. 7.

17 Cf. Basselaar, op. cit., p. 67.

18 Como D. Sebastião não tinha sucessores, causou a sua morte uma situação precária. Depois da morte dele foi eleito rei Cardeal D. Henrique (que já reinou antes do reinado de D. Sebastião), mas morreu cedo, só dois anos mais tarde, em 1580. A seguir foi eleito rei D. António, prevor do Crato. Mas ao mesmo tempo marchou a Portugal o exército espanhol e no dia 25 de Agosto de 1580 ocorreu a batalha de Alcântara. Prevor do Crato foi derrotado e Portugal acabou nas mãos espanholas. Filipe II. Espanhol foi aclamado Filipe I. De Portugal em Abril de 1581.

espanhóis quiseram reprimir esta crença, porque deu esperança e exaltou o povo português contra o governo filipino. Filipe I. Português (Filipe II. Espanhol) até proibiu a publicação das *Trovas* para inibir propagação das ideias nacionalistas e “para diminuir as esperanças da renovação possível da independência portuguesa.”¹⁹

2.4 D. João de Castro e as Trovas

Porém, apesar desta tentativa, em 1603 foram pela primeira vez impressas as *Trovas* com o título *Paráfrase e Conocordância de algumas Profecias de Bandarra, Sapateiro de Trancoso* pelo editor D. João de Castro. Este juntou os manuscritos, em cuja forma as *Trovas* circulavam até então. No entanto, ele escolheu à publicação só algumas, que interpretou no sentido sebastianista. Ele era um sebastianista influenciado pelo já mencionado joaquimismo e, como diz Besselaar, era “uma figura importante para a história do sebastianismo. Foi ele que lhe deu as feições características que haviam de marcar a seita durante mais de dois séculos.”²⁰ Só segundo a sua escolha das coplas publicadas podem ser comparadas as *Trovas* originais com as *Trovas* modificadas pelos joanistas²¹.

Apesar da ideia da vinda dum Encoberto, dum Redentor que salva o povo, as *Trovas* tratam das maldades e da decadência da época e, não por último, da ideia de assim chamado Quinto Império. Esta é uma noção da Bíblia onde aparecem cinco Impérios e o último, o Quinto, permanecerá para sempre.²² E, segundo Bandarra (e depois António Vieira ou por exemplo Fernando Pessoa, que se também ocuparam com este tema), este Império será o de Portugal, ou seja, com Portugal à sua frente.

19 Trckova, op. cit., p. 18.

20 Besselaar, *O Sebastianismo – História sumária*, P. 77.

21 Os joanistas são pessoas que acreditaram que o Encoberto seria D. João IV.

22 Nesta cena da Bíblia fala-se sobre o sonho do rei da Babilónia, Nabucodonosor. O sonho é interpretado pelo profeta Daniel, que o descreve assim: depois do reino de Nabucodonosor vêm outros reinos. Imediatamente ao reino de Nabucodonosor segue o reino de prata e o outro - de bronze. Até ao chegar ao último reino, o quinto, que deve perdurar para sempre.

2.5 Época da Restauração e os Joanistas

Outro representante do sebastianismo era Manuel Bocarro Francês, matemático, médico e alquimista. No ano de 1624 publicou a obra chamada *Anacephaleosis de Monarchia Lusitana*, que se divide em quatro partes: *Estado astrológico*, *Estado régio*, *Estado titular* e *Estado heróico*. Na quarta parte do seu opúsculo, no *Estado Heróico*, como o Encoberto inclina a designar Dom Teodósio, Duque de Bragança, cujo filho, D. João, será quatorze anos depois coroado o rei de Portugal. Nesta obra Bocarro escreve, que uma ninfa oferece um escudo a D. Teodósio, mas ele rejeita-o. O escudo, porém, é aceite pelo D. João, sentado ao lado (ele é descrito como um moço, “em cuja cabeça se vê uma chama que lhe não queima os cabelos , sinal de que ele será o futuro Restaurador”²³). Aqui vemos já uma substituição da pessoa de D. Sebastião, como o Encoberto, por outra pessoa, D. João IV.

Os anos entre 1630 e 1670 “são o apogeu do messianismo português, não só pela grande quantidade de textos que naquele período foram redigidos, como também pela qualidade das pessoas que tomaram parte na discussão”²⁴.

Quanto mais se aproximava o ano de 1640, tanto mais eram os versos de Bandarra interpretados no sentido brigantino ou joanino. A diferença entre os sebastianistas e os joanistas é a maneira diferente de ler as estrofes 87 e 88 nas *Trovas*— uns leram D. Foam, os outros D. João.

Sebastianistas leram:

“Saia, saia esse Infante
Bem andante,
O seu nome he Dom Foam,
Tire, e leve o pendão,
E o guião

23 Besselaar, op. cit., p. 80.

24 Idem, ibidem, p. 122.

Poderoso, e tryunfante,

E os joanistas viram nestas coplas o nome de Dom João:

Saia, saia esse Infante

Bem andante,

O seu nome he Dom João,

Tire, e leve o pendão,

E o guião

Poderoso, e tryunfante”²⁵

Um fator que contribuiu muito às tentativas da restauração da independência portuguesa eram os problemas espanhóis que dificultaram também a situação em Portugal. E como os portugueses não queriam ser explorados pelos espanhóis, revoltaram-se. Já em 1637 dou-se revolta em Évora, seguida pela revolta em Vila Viçosa, depois da qual Portugal reconseguiu a independência. D. João IV foi aclamado rei e nele eram postas as esperanças do povo. E esta situação ainda mais favoreceu as possibilidades da reinterpretação das *Trovas* no sentido joanino. Porém, os sebastianistas fiéis viram em D. João IV só um precursor do Encoberto. Assim o messianismo joanino faz outra fase importante da evolução do mito sebastianista. Um dos defensores do joanismo e da ideia de D. João IV. ser o verdadeiro Encoberto era Padre António Vieira (1608 - 1697), escritor e pregador jesuítico.

2.6 Padre António Vieira

Este jesuíta ocupou-se com os mitos do Encoberto e do Quinto Império toda a sua vida. A estes temas dedicou muitas suas obras, por exemplo *História do Futuro*, *Clavis Prophetarum* e *Quinto Império*.

Quando Vieira voltou em 1641 do Brasil, onde se ocupou com a função missionária, segundo Basselaar encontrou em Lisboa

„um sebastianismo, sem dúvida, diferente do tradicional, que teimava em

²⁵ João Lúcio de Azevedo, *Evolução do sebastianismo* (Lisboa: Editora de A. M. Teixeira. 1918), pp. 64-65.

esperar pelo regresso milagroso do rei caído em Alcácer-Quibir, mas um sebastianismo adaptado às novas circunstâncias, que identificava o «Encoberto» com a pessoa de D. João IV.²⁶

E como Vieira foi sempre nacionalista e já antes inclinava ao sebastianismo, aceitou imediatamente estas ideias. Nos seus sermões - dos *Bons Anos* e de *São José* - apoiou e defendeu D. João IV como o rei Encoberto. Na *História do Futuro* continuou com esta justificação.

Porém, quando no ano de 1656 D. João IV morreu, sem cumprimento dos feitos profeteizados, Vieira pregou a sua volta como o Encoberto. Ele escreveu a carta de consolação à Rainha mas esta foi mal recebida pelo povo. As pessoas não queriam ver D. João IV ressuscitado, porque era uma pessoa “prosáica ou até medíocre”²⁷. Assim, Vieira continuou na busca dos sinais e das profecias sobre a vinda do Encoberto e sobre o Quinto Império. João Lúcio de Azevedo, historiador português, descreve Vieira como:

“desvariado por causa da educação e vida no claustro, do ambiente místico da Companhia...A sua capacidade de crer no maravilhoso era enorme, sem nisso se distinguir da média dos contemporâneos, se bem que talvez o muito ler e o excesso da imaginação o levassem até onde o comum só desconfiado o seguia.”²⁸

Padre António Vieira faleceu em 1697, sem ver o Quinto Império nem o rei Encoberto.

Vamos agora mais adiante, ao séc. 18. No reinado de D. João V (que reinou entre os anos 1706 e 1750) foram compostas *Segundo e Terceiro Corpos das Trovas de Bandarra*, tornando-se o *Terceiro Corpo* a nova Bíblia dos sebastianistas.

Na época seguinte, Marquês de Pombal (1699 - 1782), que perseguiu jesuítas e sebastianistas, cujo inimigo era Vieira, mandou queimar, por exemplo *Restauração*

26 José van den Besselaar, *António Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias* (Amadora: Livraria Bertrand, 1981), p. 18.

27 Besselaar. *O Sebastianismo – História sumária*, p. 108.

28 Azevedo, op. cit., p. 115.

de Portugal prodigiosa e outras suas obras proféticas (mas por outro lado deixou copiar várias obras de Vieira e as críticas dele publicadas sob o título *Maquinações de António Vieira Jesuíta*). A seita sebastianista²⁹ sobreviveu esta campanha pombalina, mas depois do séc. 18 não atingiu a sua extensão.

2.7 Século 19

Excepção faz a invasão francesa, quando chegou a ressurgimento da crença sebastica. As pessoas, sob a ameaça da invasão voltaram-se “às fontes da sua história e, assim fazendo, se aproximassem dos sebastianistas, pelo menos, até certo ponto”³⁰ Mas depois de 1820, quase ninguém esperava na volta de D. Sebastião, porém, houve interesse nas *Trovas de Bandarra* e surgiram novas edições, comentadas ou não. Assim foi em 1809 publicada outra, nova edição das *Trovas* em Barcelona, e só um ano depois outra em Londres. Por causa do grande interesse pelas *Trovas* tiveram que ser republicadas as *Trovas* em Barcelona em 1866.

2.7.1 Manifestações do sebastianismo no Brasil

Graças à colonização e aos jesuítas o mito sebastianista espalhou-se de Portugal para o Brasil, onde se instalou, durante o séc. XVII, sobretudo no Nordeste brasileiro. Os movimentos messiânicos no Nordeste advieram em geral da situação social injusta. Os seus princípios eram reivindicações sociais e políticas, o desejo da melhoria de vida e da posse da terra. Aqui o fenômeno do sebastianismo ganhou feições especiais.³¹ No sertão de Pernambuco, nos locais remotos e secos, onde moravam pessoas de situação económica baixa e sem educação, o sebastianismo manifestou-se como um movimento político-religioso violento com líderes fanáticos que abusaram as pessoas menos educadas, pobres, em situações críticas aproveitando-se delas. Como exemplo podemos mencionar dois acontecimentos

29 Idem, ibidem.

30 Idem, ibidem, p. 114.

31 Os outros focos do sebastianismo brasileiro encontrados no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais foram diferentes. Os cultores nas áreas mencionadas eram característicos pela educação alta e pelo seu pacifismo.

trágicos: A Tragédia do Rodeador e Tragédia da Pedra Bonita.

Os líderes destes grupos proclamavam-se Deuses ou Messias, dizendo que tinham ligação com o poder sobrenatural e que iam salvar o mundo e as pessoas que os seguiam. Graças ao seu poder da língua e da retórica atraente conseguiram atrair e convencer as pessoas para estarem à sua disposição (até com os seus bens e materiais).

Com a Tragédia de Rodeador é ligada uma seita liderada por Silvestre José dos Santos, chamado “Mestre Quiou”, fundador do arraial Sítio da Pedra na Serra do Rodeador (Pernambuco), em 1819. Ele pregava a volta de D. Sebastião e dos seus milagres, prometendo a riqueza, saúde, juventude e beleza para todos os seus seguidores.

A seita praticava rituais numa espécie de templo situado em um mocambo (uma barraca) onde houve uma imagem de Virgem Maria e outra de Jesus Cristo. Eles veneraram a Santa de Pedra que tinha, segundo eles, poderes sobrenaturais. Entre as práticas desta seita pertenciam também penitências que podiam ser pagas com dinheiro.

Como o número dos seus seguidores cresceu bastante e como estes enganavam e roubavam os habitantes da região, o governo tinha que intervir. O governador de Pernambuco Luís do Rego Barreto mandou uma tropa de exército e no dia de 25 de Outubro de 1820 ocorreu ao confronto. O arraial foi destruído, 91 pessoas mortas, 500 aprisionadas.³²

O segundo movimento sebastianista é a chamada Tragédia da Pedra Bonita. Em 1836 apareceu na Serra Formosa, na Serra do Reino, um homem chamado João Antônio dos Santos, que apresentou umas pedrinhas brilhantes afirmando que eram diamantes encontrados perto num sítio com uma lagoa e duas pedras. Afirmou também que tinha uma visão, na qual lhe apareceu D. Sebastião que lhe disse que estas duas pedras eram as torres da sua catedral encantada. Mas este modo particular

32 Cf. Jacqueline Hermann, *D. Sebastião no Brasil. Um estudo sobre o movimento sebastianista da Serra do Rodeador, Pernambuco 1820*, disponível em http://cvc.instituto-camoes.pt/earr/coloquio/comunicacoes/jacqueline_hermann.pdf (acessado em 2/5/2015), p. 3.

de viver não agradou ao governo. Logo depois, as autoridades enviaram padre José Francisco Correia de Albuquerque para convencer João António dos Santos para parar a sua pregação. Este concordou e parou. Mas no seu lugar a prática foi continuada pelo seu cunhado, João Ferreira, com ainda maior força. Ele também disse que D. Sebastião tinha aparecido no seu sonho e que as duas pedras eram torres duma catedral de um futuro reino encantado. Porém, este reino só se abriria quando banhado com o sangue. Quem se sacrificasse, iria ser recompensado (um velho voltaria como um jovem, um feio como um belo, e assim por diante).

Depois, os fiéis desta seita reuniram-se à volta das duas pedras, formaram um povoado e construíram aí um templo. João Ferreira, que se proclamou rei, gozava de muitos privilégios, um dos quais era, por exemplo, o direito de ter qualquer noiva na noite do seu casamento, sendo ela só no dia seguinte entregue ao marido.

O povoado foi composto do Santuário (aí se realizavam os sacrifícios), do Púlpito (onde se faziam as pregações de Dom João) e da Casa Santa (o sítio do ritual de vinho santo, durante o qual se bebia uma bebida fermentada com efeitos alucinógenos).³³

O dia do sacrifício foi marcado para o dia 14 de Maio de 1838. O primeiro que se sacrificou foi o pai de João Ferreira. Nos primeiros três dias foram sacrificadas 53 pessoas e 14 cães. Depois, no dia 16 de maio, João Ferreira mandou matar as suas duas mulheres, que foram irmãs de João António (o líder inicial). João Ferreira provocou todos a serem sacrificados, mas ele próprio não quis ser sacrificado. Assim, João Ferreira foi sacrificado à força. Um dia depois fugiu um vaqueiro do povoado e denunciou o massacre. Ao arraial foram imediatamente mandadas tropas do governo que combateram os sebastianistas.

São estas as características básicas do movimento messiânico sebastianista no Nordeste do Brasil. Em Portugal, ao contrário, não se chegou a este abuso do mito.

33 Cf. Mônica Fontana, *Sebastianismo em Pernambuco: Memória dos movimentos da Serra do Rodeador e da Pedra do Reino*, disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/104244627642445520103256149235606801672.pdf> (acessado em 2/5/2015), p. 5.

Não admira que estes acontecimentos brasileiros inspiraram várias obras literárias, como por exemplo *O Reino Encantado* (1878) de Araripe Júnior ou *Pedra Bonita* (1938) de José Lins do Rego.

2.7.2 Almeida Garrett e Frei Luís de Sousa

Agora voltemos para Portugal. No ano de 1843 foi publicada uma obra que nos mostra uma vasta crítica ao mito sebastianista. É a peça teatral *Frei Luís de Sousa* de escritor romântico Almeida Garrett (1799–1854).

Em *Frei Luís de Sousa* é nos apresentada uma família, de Manuel de Sousa Coutinho, D. Madalena de Vilhena e da sua filha Maria. D. Madalena é viúva de D. João de Portugal, que – mesmo com D. Sebastião – desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir. D. Madalena esperou por muito tempo pelo seu esposo, mas depois ela finalmente acreditou que ele tinha morrido e casou de novo com Manuel de Sousa. Com ele tem filha Maria. Mas ela sempre duvida sobre o que na verdade aconteceu com o seu primeiro esposo. Ela fica perto da exaustão psíquica quando a família tem que mover para a casa do seu primeiro marido, D. João de Portugal, porque Manuel de Sousa acendeu a sua casa como expressão do protesto contra o governo espanhol. Naquele momento aparece um romeiro misterioso que na verdade é D. João de Portugal que voltou para a sua terra. O fato de o primeiro esposo de D. Madalena estar vivo, torna Maria, nascida do matrimónio da Madalena com Manuel de Sousa Coutinho, uma filha ilegítima, o que naquela altura era um pecado muito grave. A única possibilidade para Manuel de Sousa é o divórcio religioso, de maneira que ele e D. Madalena fazem penitência no Claustro e dedicam a sua vida a Deus. O fim da obra é representado pela morte de Maria nos braços dos seus pais.

Neste drama Almeida Garret deixou-se inspirar na pessoa histórica de Frei Luís de Sousa,³⁴ que viveu entre anos 1555 e 1632. A única diferença entre e a obra de Garret é que o peregrino não era D. João de Portugal, mas só um emissário que tinha a mensagem que D. João de Portugal estava vivo em Jerusalém.³⁵

34 Frei Luís de Souza era o nome que tomou Manuel de Souza depois de tomar o hábito.

35 Massaud Moisés, *A Literatura Portuguesa* (São Paulo: Cultrix, 2008), p. 12.

Nesta obra Garrett critica a situação existente em Portugal. Os portugueses, segundo ele, não viviam no presente, porém, ou se voltavam ao passado, recordando as glórias passadas, ou esperavam pelo futuro melhor. Na sua opinião, até quando as pessoas queriam viver no presente, o sebastianismo não o possibilitava.

Na pessoa de D. João de Portugal Garrett exprime a sua atitude ao sebastianismo: mostra que a esperança na volta do rei Sebastião não deixa os portugueses viverem livremente e que embora o mito se cumprisse, destruiria todo o presente.

3 Primeira metade do século XX.

Ao nos aproximarmos à esquina dos séculos XIX. e XX., temos que mencionar dois fenômenos importantíssimos: saudosismo e a obra de Fernando Pessoa. Antes disso, porém, tentemos brevemente descrever esta época, caracterizada por várias mudanças sociais, o estabelecimento da Primeira República, a crise financeira e depois também as guerras mundiais.

Sabemos que no fim do século XIX., depois do ano de 1890, deu-se uma crise colonial na África causada pela Conferência de Berlim³⁶. Seguiram-se várias campanhas militares para reestabelecer a ordem nas colônias. Esta crise colonial, junto com a crise financeira, os altos gastos da família real e o rtativismo de dois partidos mais fortes no poder contribuíram para a extinção da monarquia portuguesa.

A ideia da república ganhava sempre mais simpatizantes e o descontentamento com a monarquia culminou na morte do rei D. Carlos I e do seu filho D. Luís Filipe. João Franco, que governou como um ditador, foi detido e em 1910 deu-se uma revolta contra Manuel II, o herdeiro do trono português, ao que seguiu a proclamação da República Portuguesa.³⁷ Em 1911 foi aprovada a Constituição de 1911 e com ela começa a Primeira República. Esta durou até 1926 mas foi muito instável, o que é demonstrado também pelo número dos governos que se substituíram no poder durante estes dezassete anos. O regime era fraco e houve muitas conspirações e golpes de estado.

A participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial causou até mais problemas sociais e aumentou a inflação. O golpe do estado de Sidónio Pais, em 1917 tinha o objetivo de instalar uma república presidencialista, porém, Sidónio Pais foi assassinado e em 1919 Portugal voltou à Constituição de 1911. O cabo de Primeira

36 Trata-se de Conferência sobre organização das colônias africanas, realizada entre 1884 e 1885. Portugal apresentou o plano chamado Mapa cor-de-rosa, no qual propôs ligar Angola com Moçambique para facilitar o comércio e o transporte. Isso, porém, não conveio à Grã-Bretanha que depois ameaçou Portugal com uma guerra se os portugueses não abandonassem o território entre Angola e Moçambique.

37 A 5 de outubro de 1910.

República deu-se definitivamente pelo golpe militar de 1926, que impôs uma ditadura.

Em frente estava o general Carmona que em 1928 nomeou o Ministro das Finanças António de Oliveira Salazar, porque a questão da situação financeira tornou-se mais grave. Mencionemos também o Acto Colonial do ano de 1932 que tinha como objetivo a centralização dos governos coloniais e restringiu assim a sua autonomia tanto financeira como administrativa.

Passo a passo, Salazar ganhava sempre mais poder e em 1932 tornou-se Presidente do Conselho de Ministros. Em 1933 promulgou uma nova Constituição que se baseou no nacionalismo, corporativismo e na doutrina social da Igreja. Assim foi criada a base do novo regime político, do Estado Novo. Houve só um partido político, o Partido Nacional Português, a censura foi reestabelecida e as greves proibidas.

Na Segunda Guerra Mundial Portugal declarou em 1939 a neutralidade, apesar de depois concordar que as tropas inglesas utilizassem a Base Aérea das Lajes nos Açores. Salazar, todavia, achava que Portugal não tinha muito a ver com a situação europeia e tentou afastar-se das lutas.

3.1 Saudosismo

“Renascença Portuguesa”, “A Águia”, “saudade”, “sentimento-idéia”, “emoção refletida”, “o sebastianismo”, “Lembrança e Esperança”, “o império da raça lusa”. Todos estes conceitos são ligados com o movimento saudosista, com o qual nos ocuparemos nesta parte do trabalho.

Depois da proclamação da República, em 1910, os escritores portugueses dividiram-se em dois grupos: um grupo concordou com o novo regime, outro não.

O primeiro grupo criou uma sociedade literária chamada a “Renascença Portuguesa”³⁸. Os homens de letras que a fundaram foram Jaime Cortesão, Álvaro

38 O outro grupo, designado Integralismo Lusitano, opôs-se à implementação da Primeira República.

Pinto, Teixeira de Pascoais e Leonardo Coimbra. Este grupo lançou também a revista de “literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social” intitulada *A Águia*. Eles quiseram promover a cultura portuguesa por vários meios.³⁹

Teixeira Pascoais, que dirigiu a revista na sua segunda fase (a partir de 1912), foi o principal mentor do grupo e a figura mais importante desta geração. Ele começou a espalhar uma doutrina metafísica nas páginas da revista, uma espécie de “filosofia da raça lusa”, que podia servir para a ligação com o passado mas também como o modo de agir para o futuro. Quis despertar os portugueses para a realidade essencial, para o sentido da vida. E, segundo ele, esta realidade essencial consistia na “Saudade”: “A saudade é o próprio sangue espiritual da raça, o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a Saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, istoé, o sentimento-ideia, a emoção refeltida, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina.”⁴⁰ Não há equivalente para a palavra ”saudade” noutras línguas. É um fenómeno tipicamente português. É também, ao mesmo tempo, “uma promessa de uma nova civilização lusitana”⁴¹

Pascoais achava distinguir uma atitude especial do homem português perante a vida: a Saudade é aquilo que faz homem reagir, que o faz sofrer, que o inspira. O Saudosismo de Pascoais foi utópico.

Segundo outro membro do grupo, o filósofo Leonardo Coimbra, o Saudosismo era uma espécie do sebastianismo poético moderno. Jaime Cortesão, por outro lado, tentou procurar no passado e no nacionalismo uma inspiração para renovar o futuro.

Entre aqueles que colaboraram com a revista *A Águia* encontrava-se também Fernando Pessoa, homem de letras cuja obra *A Mensagem*, à qual nos vamos prestar

É importante dizer que era um movimento sócio-político tradicionalista, que se esforçou pela monarquia tradicional, descentralização do poder e favoreceu a Igreja Católica.

39 Cf. António José Barreiros, *História da Literatura Portuguesa II* (Braga: Editora Bezerra, 1997), p. 383.

40 Idem, *ibidem*, p. 384.

41 Massaud Moisés, *A literatura portuguesa através dos textos* (São Paulo: Cultrix, 1996), p. 435.

atenção daqui a pouco, é quase a mais citada em ligação com o sebastianismo.

Entre outros colaboradores de *A Águia*, pertencentes à Renascença Portuguesa, que recusaram “o nebuloso pensamento saudosista”⁴², salientemos um nome – António Sérgio (1883–1969). Este importante ensaísta português representa a posição contra o saudosismo como programa nacional e contra “o culto sentimentalista e retrógrado de D. Sebastião”⁴³. Sérgio refletiu do ponto de vista actual sobre os problemas tradicionais de Portugal e tentou interpretar os acontecimentos da história portuguesa do ponto de vista sociológico ou socioeconómico.

3.2 Polémica sebastianista entre António Sérgio e Carlos Malheiro Dias

Nos anos 20 do século XX ocorreu uma polémica sobre a concepção do sebastianismo e da pessoa de D. Sebastião entre Carlos Malheiro Dias e António Sérgio. Carlos Malheiro Dias (1875–1941) foi um escritor, jornalista e historiador de origem parcialmente portuguesa (do lado do pai) e parcialmente brasileira (do lado da mãe), que passou uma parte da sua vida no Brasil, sobretudo depois da aclamação da República, em 1910. António Sérgio foi, como já sabemos, um pensador, pedagogo e político português com ideias modernas e inovadoras, como veremos a seguir.

Tratou-se duma polémica ideológica, pois ambos eram representantes de correntes ideológicas diferentes. Carlos Malheiro Dias, da geração de 90, defendeu o património cultural tradicional. Segundo ele D. Sebastião era um herói nacional que serviu de inspiração à poesia portuguesa daquele período. Malheiro Dias foi um representante do chamado integralismo lusitano (caracterizado pela defesa do culto sebástico, tradicionalista, monárquico, católico). O lema dos integralistas foi restaurar a Monarquia de Quatrocentos – Quinhentos. Segundo o crítico e jornalista Miguel Esteves Cardoso, “o integralismo lusitano foi uma tentativa de conciliar a saudade,

42 A. J. Saraiva, Óscar Lópes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 1996), p. 1013.

43 Idem, *ibidem*, p. 1013.

como lembrança obsessiva de um passado, e o sebastianismo, como ensaio místico de um futuro. O nexa entre os dois é fornecido pela epopeia dos Descobrimentos – a glória passada que seria eventualmente o modelo da glória futura.”⁴⁴

António Sérgio, pelo contrário, foi um cosmopolita e democrata, patriota (mas não dogmático como os conservadores). Segundo ele, a cidadania nacional fazia parte da cidadania do mundo e ele empenhou-se pela reintegração de Portugal no âmbito cultural europeu (que, na sua opinião, exigiu a mudança da mentalidade tradicional para uma mentalidade crítica e científica). Importante para ele era a situação atual e não o património herdado.

A polémica começou em 1924, quando Sérgio publicou uma introdução histórica para o *Guia de Portugal*, onde escreveu que D. Sebastião era um “fanfarrão” e “mentecapto”. Dias criticou isso com uma “injúria à memória do rei português”. Na sua obra *Exortação à mocidade* (1925) ele descreve este mesmo rei como “o admirável herói da história ... exemplo a seguir...”.⁴⁵

Depois seguiram outras obras de Sérgio, nas quais ele criticou a personagem de D. Sebastião que, segundo ele, era um rei desastroso, assim como as obras de Dias, nas quais o autor elogia este rei e ofende António Sérgio, chamando-o de marxista.

Na revista *Seara Nova* em Maio de 1925, Sérgio escreve:

“As portas do cérebro, ilustre amigo, é que estão cerradas em Portugal, por obra e graça do seiscentismo, apesar do protesto angustioso de algumas elites bem pequenas! Verney, querendo reagir contra esse horror, no momento sublime e auroral do Verdadeiro Método de Estudar (pobres auroras do meu país, logo toldadas ao amanhecer!), resume a ‘cultura da nossa gente’, qual a deixou o Seiscentismo, numa exclamação que está perfeita: Isto são tudo rapaziadas!’ Tudo rapaziadas (...)

44 Miguel Esteves Cardoso, “Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano” in *Análise Social*, Vol. XVIII (3.º-4.º-5.º) (Lisboa: 1982), p. 1406.

45 Maria Mota. *Polémica Sebastianista entre António Sérgio e Carlos Malheiro Dias*, disponível em <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/162/138> (acessado em 20/2/2014), p. 2128.

rapaziada o sebastianismo... Tudo rapaziadas! Quando haverá aqui cultura a sério?⁴⁶

Assim vemos as diferenças no pensamento do Dias e Sérgio. Dias percebeu o sebastianismo como uma construção da identidade nacional à base da personagem do rei D. Sebastião, Sérgio viu-o como uma desconstrução e irracionalidade.

3.3 Fernando Pessoa

O autor que influenciou imensamente a visão do sebastianismo foi Fernando Pessoa (1888–1935), escritor português que viveu na altura de transformação social em Portugal⁴⁷. Ocupou-se bastante com o mito sebástico e com o mito do Quinto Império, sobretudo porque quis encontrar uma maneira como ajudar a elevar a atmosfera em Portugal e a cultura portuguesa. Quando Sidónio Pais se tornou Presidente, Fernando Pessoa viu nele uma encarnação de D. Sebastião, crendo que ele poderia trazer um futuro melhor para Portugal. Mas como Sidónio Pais foi assassinado, as esperanças postas não se realizaram.

3.3.1 Mensagem

Os portugueses daquela altura estavam desesperados e Fernando Pessoa esforçou-se por animá-los. Por isso virou-se ao sebastianismo e à concepção positiva do mito. A sua obra mais importante, cujo objetivo é despertar os portugueses da letargia, levá-los do declínio e dar-lhes esperança e razão da vida, é a colectânea de poemas intitulada *Mensagem*. Neste livro Pessoa dedica-se à descrição da história portuguesa, da qual escolhe os acontecimentos importantes para Portugal e os grandes feitos dos reis portugueses. Na verdade trata-se dum elogio da história e da nacionalidade lusa. Na primeira parte chamada *Brasão* Pessoa descreve os inícios da formação do território do Reino português. A segunda parte, *Mar Português*, como o título pode apontar, trata da famosa época dos descobrimentos portugueses. A última parte, chamada *o Encoberto*, Pessoa quer criar um mito para elevar e animar a alma

46 *Seara Nova*, n.ºs 45/46, Maio de 1925.

47 Como por exemplo a fundação da Primeira República, a crise financeira, a Guerra Mundial.

do povo português. Ao longo da obra, Pessoa tenta criar mito sobre O Encoberto e sobre o Quinto Império. Porém, também diz que é preciso entusiasmar-se e não só passivamente esperar pelo Messias.

Agora vamos oferecer uma descrição mais detalhada das partes particulares da *Mensagem*.

3.3.1.1 *Brasão*

A primeira parte é dividida em cinco capítulos chamados *Os Campos*, *Os Castelos*, *As Quinas*, *A Coroa* e *O Timbre*. Já dissemos que esta parte se ocupa com os inícios da formação do território português. Em *Os Castelos*, Pessoa relembra os fundadores míticos, como por exemplo Ulisses ou Viriato⁴⁸. Em seguida elogia os governadores de Portugal, tais como D. Afonso Henriques ou D. Dinis. O capítulo *As Quinas* acaba com o poema “D. Sebastião”, que foi o último da linhagem de Avis. Neste poema Pessoa fala sobre a loucura do rei que se meteu numa catástrofe. Com ele morre o Desejado, mas nasce o Encoberto, através de quem quer Pessoa exaltar o povo português. *A Coroa* contém um poema só. Este chama-se “Nunálvares Pereira” e Pessoa eleva aqui os feitos do general Nuno Álvares Pereira na batalha de Aljubarota. São postas duas personagens em contraste – uma, sem a coroa, que conseguiu efetuar grandes feitos importantes para a Pátria e a outra, com a coroa, que conseguiu perder a Pátria com o desejo de se aproximar aos feitos dos seu antepassados. O último capítulo de *Brasão*, *O Timbre*, descreve um grifo, cujas partes do corpo representam várias figuras da história portuguesa, como por exemplo D. João Segundo ou Afonso de Albuquerque. Este grifo representa o princípio que cada plano deve abranger: a visão, a vontade de efetuar a obra e o poder de a fazer prevalecer.⁴⁹

48 Ulisses é o fundador mítico da cidade de Lisboa. Viriato tem sido o líder das tribos Lusitanas contra os Romanos no século II a.C.

49 Cf. Trckova, op. cit., p. 40.

3.3.1.2 *Mar Português*

Esta segunda parte não é mais dividida em capítulos, mas contém doze poemas ligados aos descobrimentos portugueses. Aparecem poemas com os títulos seguintes: “Bartolomeu Dias”, “Colombos”, “Fernão Magalhães” ou “Vasco da Gama”. Os títulos deixam por si entender o assunto. O poema “Mar português” com os versos “Valeu a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena” talvez sejam os mais conhecidos e mais usados pelos portugueses. O sentido destes versos é claro – é preciso sacrificar alguma coisa para poder atingir aquilo que queremos. No poema que segue, “A última nau”, o poeta descreve a pessoa e a volta de D. Sebastião, ou seja, do Encoberto. Aparece também a ideia da Ilha Encoberta, na qual o Encoberto espera pelo momento oportuno para regressar e salvar Portugal. No último poema “Prece” o sujeito lírico deseja o início de um Império Espiritual, em que Portugal esteja na frente, atingindo a sua fama antiga.

3.3.1.3 *O Encoberto*

Esta última parte do livro é dividida em três segmentos: *Símbolos*, *Avisos e Tempos*. Nela é mais visível a tentativa de Fernando Pessoa de criar um mito que possa apoiar e motivar os portugueses (como no poema “O Desejado”, no qual D. Sebastião é completamente transformado no Desejado, uma entidade inumana, ou seja, num mito puro). Um dos poemas dos *Símbolos* chama-se “O Quinto Império” e Pessoa apresenta aqui a sua ideia dos quatro impérios já passados (o da Grécia, da Roma, da Cristandade e o da Europa) e descreve o Quinto que na sua opinião será o espiritual. O segmento *Avisos* trata, naturalmente, daqueles que avisaram no passado a volta de D. Sebastião. Por isso consiste de três poemas: “O Bandarra”, “António Vieira” e o último poema sem nome que é provavelmente sobre o próprio Pessoa. Na última parte do *Encoberto* e simultaneamente na última parte da toda *Mensagem*, nos *Tempos*, Pessoa tenta com mais clareza despertar os portugueses da sua passividade e provocá-los a uma ação. Ao mesmo tempo trata do Quinto Império e da atualidade de Portugal.

A *Mensagem*, todavia, não é única obra de Pessoa que trata do sebastianismo. Os seus textos recolhidos e publicados postumamente em 1979 sob o título *Sobre Portugal* ocupam-se muito com este assunto.

“É, ou deve ser, uma esperança dada ao povo, para o animar e despertar da melancolia. O mito deve motivar. É isso que nos quer dizer Fernando Pessoa na sua obra *Mensagem*. Mesmo nas suas teorias sobre o Quinto Império é visível a sua posição e a tentativa de fornecer a autoestima nacional portuguesa. Ele apoia o espírito português afirmando que apesar de não ter condições do mundo físico para liderar o mundo, tem-nas sim no mundo ou campo espiritual.”⁵⁰

Nesta obra fala Pessoa sobre a chamada auto-sebastianização. Isso significa que não é importante que um homem físico salve o povo, mas sim a crença e esperança nele.

50 Idem, *ibidem*, pp. 51–52.

4 Segunda metade do século XX

Agora vamos passar para a segunda metade do século XX. Nesta parte do trabalho vamos esboçar primeiro o contexto político e social e a seguir vamo-nos ocupar com as obras que abordam o mito sebastianista, das quais escolhemos *El-Rei Sebastião* de José Régio e *O Encoberto* de Natália Correia, como representantes do teatro, e *O Mosteiro* de Agustina Bessa-Luís e *O Conquistador* de Almeida Faria, como representantes do romance.

Como vimos na introdução à primeira metade do século XX, desde os anos 30 havia em Portugal a ditadura de Salazar. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Portugal aderiu à Organização do Tratado do Atlântico Norte (1949) e, em 1955, à Organização das Nações Unidas.

Nesta era de descolonização, Portugal, apesar de grande aversão do governo, tinha que deixar algumas colónias na Índia. Na década de 1960 formaram-se na África movimentos lutando pela autonomia de Angola, Guiné ou Moçambique, e estas lutas transformaram-se em 1964 na chamada Guerra do Ultramar. O governo português mandou tropas para as colónias para manter ordem, o que ainda mais contribuiu para o empobrecimento de Portugal e para a emigração motivada pelo desejo de evitar o serviço militar – fato que nos é parcialmente mostrado na obra *O Conquistador* de Almeida Faria.

Salazar demitiu-se em 1968 por causa dos problemas de saúde e no seu lugar seguiu Marcelo Caetano. O novo governo fez alguns passos para o melhoramento da situação, como por exemplo a modernização da economia ou a liberalização da política, porém, a ditadura permaneceu. E como a descolonização mundial procedeu, cresceu a pressão ao governo português que favoreceu muito a oposição.

A viravolta chegou no ano de 1974. No dia 25 de Abril, o descontentamento com a situação e com o governo culminou no golpe de estado, realizado pelo Movimento das Forças Armadas, que, por não ser violento, é chamado de Revolução

dos Cravos⁵¹. A censura terminou e as colónias ultramarinas eram passo a passo autonomizadas. A situação depois da Revolução não estava estável e havia um perigo de uma guerra civil. Este, porém, acabou com as primeiras eleições livres em 1975, quando foi formada a Assembleia Constituinte e uma nova Constituição.

51 Jan Klíma, *Dějiny Portugalska* (Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2007), pp. 445 – 447.

5 José Régio – *El-Rei Sebastião*

Agora vamo-nos ocupar com a obra *El-Rei Sebastião* de José Régio.

José Régio (1901 – 1969) é um dos fundadores da revista *Presença* que inaugurou o segundo período da modernidade em Portugal. Nela Régio defendeu uma “literatura viva”, espontânea, original e pessoal, que era oposta à “literatura livresca” – acadêmica e conservadora. Dedicou-se quase a todos os géneros literários, cultivando poesia, teatro, romance, novela e crítica. A sua poesia é individualista, intransigente, viril e focaliza frequentemente o drama do Homem em face da sua condição, de Deus e do diabo. Régio conseguiu estabelecer uma ponte entre a tradição e a modernidade.⁵²

Segundo Jorge de Sena, a dramaturgia de José Régio cria três “directrizes do teatro moderno: o alegorismo poético do pós-simbolismo, o realismo-naturalismo como veículo de questões metafísicas e o experimentalismo das formas expressionistas como reação à rigidez do teatro em voga.”⁵³ A obra *El-Rei Sebastião* caracteriza-se por notáveis ideias expressionistas, como por exemplo o confronto entre o corpo e a alma ou entre o ego e o alter-ego, pela criação de uma atmosfera que reflete o estado do espírito do protagonista, ou pelos diálogos que transmitem o desvio da linguagem.⁵⁴

5.1 Resumo da obra

A peça *El-Rei Sebastião* foi escrita em 1949 com o subtítulo *Poema espectacular em 3 actos*, a estreia deu-se no ano de 1985 em Portalegre. A ação da obra decorre em Lisboa no século XVI durante o reinado curto de D. Sebastião, mais

52 Cf. Moisés, *A literatura portuguesa através dos textos*, p. 495.

53 Maria do Rosário Girão, Manuel José Silva, “El-Rei D. Sebastião: O mito português”, in *Diálogos com a Lusofonia*, (Varsóvia: Universidade de Varsóvia, 2008), disponível em: https://ibestyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISlii-UW_9_GIRAO-Maria-do-Rosario-e-SILVA-Manuel-Jose_El-Rei-D-Sebastiao.pdf (acessado em 1/5/2015), pp. 157-158.

54 Cf. Elsa Rita dos Santos, “Ideias expressionistas no teatro de José Régio”, in *Boletim* (Centro de Estudos Regionais, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1998).

concretamente um pouco antes da sua decisão de empreender a campanha para “libertar” a África dos mouros. A peça mostra-nos os processos psíquicos que decorrem na mente de D. Sebastião. Mostra como ele crê na sua especialidade, acreditando que foi escolhido por Deus e deve cumprir a tarefa que lhe foi dada. Mostra-nos também as conversas entre ele e os seus conselheiros, fidalgos e súbditos. Assim, é clara a atitude de José Régio perante o sebastianismo que se mostra nesta obra. Menciona-se como D. Sebastião não se interessava pelas opiniões dos mais experientes e como estava à escuta só daqueles que lhe lisonjeavam e que mostravam a sua admiração e vontade de morrer por ele. No fim da peça, o rei decide desempenhar a campanha na África.

5.2 Análise da obra

El-Rei Sebastião começa com a fala das “Vozes” que não são mais especificadas (apesar da descrição do tom da fala), talvez possam ser fantasmas dos antepassados, talvez só uma imaginação ou alucinação do Rei. Nesta fala as vozes criticam o reinado do D. Sebastião e queixam-se da situação e do estado em que se encontra o reino de Portugal. Dizem que o país foi liberto dos mouros pelos cristãos, ara que fique nas mãos do rei “que não o governa, pois o desgoverna.”

„Segunda voz: Rei Sebastião que ideia tens do teu ofício de reinar? O teu povo geme da miséria!... Os (o povo) deixas tu beber o suor dos pobres, esgotar o sangue dos fracos, oprimir os já oprimidos...”⁵⁵

A seguir a primeira voz fala sobre a falta de um herdeiro, que o rei nem tem a pressa de dar ao país, assim como sobre a sua vaidade pessoal que o leva a arriscar o destino do seu reino.

Estas vozes mesmo como a obra toda representam uma crítica imediata e clara do governo de D. Sebastião. José Régio exprime aqui uma atitude crítica ao jovem rei Desejado que foi desvairado pelas profecias que lhe predisseram façanhas

55 José Régio, “El-Rei Sebastião” in *Obra Completa* (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005), p. 18.

grandes. Devido a elas, o rei considerava-se escolhido por Deus para cumprir a tarefa de libertar a África dos mouros e assim atingir o nível da grandeza dos seus antepassados.

5.2.1 Admiração do moço de câmara

À cena das “Vozes” segue a cena com dois moços de câmara que falam sobre as vozes, sobre o seu significado e a sua origem possível. Eles falam sobre a situação atual, sobre a desvalorização do dinheiro. O mais jovem dos moços expressa às vezes as simpatias por El-Rei e às vezes o defende, mas o outro moço contraria-o cada vez. O mais jovem diz que seria capaz de morrer pelo Rei.

Porém, nenhum dos dois moços sabia, que D. Sebastião estava à escuta da conversa. Quando aparece, escoraça o segundo moço e fala com o mais jovem. Este diz-lhe que o adora, o que, claro, D. Sebastião gosta muito de ouvir. D. Sebastião diz-lhe sobre o povo miserável que só o acusa de querer ser Grande. O moço fica fascinado pelo Rei e quer acompanhá-lo na grande empresa que lhe trará o amor do povo e a glória.

5.2.2 Abertura dos túmulos

Uma cena interessante é quando D. Sebastião conta sobre a sua tentativa de abrir os túmulos dos reis portugueses para os ver e consultar os seus planos com eles. O fato de ter aberto os túmulos deve ser uma humilhação e desacatamento dos seus antepassados, só por um capricho dum jovem rei que na sua vida não conseguiu nada. Diz também que só não conseguiu abrir o túmulo de D. Pedro, daquele “louco” que se tem apaixonado por Inês de Castro. É visível que ele, que nunca se casou nem deixou sucessores, fala com desprezo sobre o homem que se apaixonou por uma mulher.

5.2.3 Os fidalgos e conselheiros

Como D. Sebastião sofre de alucinações, muitas vezes não consegue adormecer. Nestes casos precisa da companhia, chamando ou os seus bobos, Perna

Curta e Pote de Gordura, ou os fidalgos ou conselheiros.

Numa tal situação, um dos fidalgos, Luís de Alcáçova, recita-lhe uns trechos da obra de Luís de Camões. O Rei gosta de ouvi-los, sobretudo aqueles que se ligam à África e a conquistas das terras longínquas. Pergunta a todos se acreditam que faça as façanhas que lhe foram profetizadas. Todos reagem positivamente, ao que responde o Rei:

“Tu também acreditas..., tu como todos! Todos à uma! ...todos creem nos feitos que os poetas me profetizam! Todos acham bem que me incitem a grandes façanhas. Mas acham mal que eu tanto pense nelas! ... Porque todos me estais mentindo! Todos dizeis ... que o nosso rei é louco! Todos pensais como os velhos, que arruíno o Reino.”⁵⁶

Muitas vezes no livro vê-se que o Rei exige a admiração, a obediência, o acordo ou o apoio. Ao ter a menor dúvida, ele começa a acusar todos aqueles que estão à volta.

Uma outra situação que queremos salientar é a discussão entre o El-Rei e três conselheiros sobre a invasão na África. Apesar de eles terem respeito ao Rei, todos concordam que ele deveria ficar “mais na terra nos seus planos”:

“3º Conselheiro: Muitas vezes os grandes espíritos desvaíram ...precisamente por voarem muito alto. Os espíritos rasteiros vêm de mais perto as coisas da terra.

El-Rei: Pois já sei o vosso parecer! Impossíveis façanhas a realizar, fantásticos impérios a conquistar, proezas que não cabem nos vossos dias...Todos acordais em me condenar e abandonar...

1º Conselheiro: Que estamos de acordo em não provar a vossa ideia, é certo...”⁵⁷

Os conselheiros protestam contra o sonho do Rei de libertar África dos mouros, da sua vontade de servir a Deus, o desejo de propagar a Cristandade e de

56 Idem, ibidem, p. 38.

57 Idem, ibidem, p. 51.

ampliar o reino.

Resumindo, todos tentam convencê-lo para ele pensar nos seus cargos e deveres que tem quanto a Portugal, dizendo que Portugal é pobre e precisa dum Rei concienzoso. Mas El-Rei não se deixa convencer e de novo chama os seus conselheiros de traidores e manda-lhes sair, ao que os conselheiros não reagem. Ao invés – os conselheiros continuam com as suas tentativas de convencer o rei. Entre muitos argumentos dizem também que todos, inclusive a D. Catarina, a avó do rei, Cardeal D. Henrique e também Filipe II não concordam com o seu propósito e tentaram retrair o Rei do seu propósito. Mas D. Sebastião não muda a sua opinião, porque acha que é escolhido para a tarefa. Imagina até o cenário da sua vitória, que nos evoca um maníaco que quer arriscar as vidas de milhares de pessoas. Descreve-se a si como “Senhor da Berbéria...Coroadado Imperador de Marrocos...Príncipe da Cristandade”.

O 3º conselheiro reage com um argumento muito sábio, mas nem este consegue persuadir o El-Rei: A quem vai reinar, a quem vai mandar, quem vai proteger a terra contra os ataques dos outros países, se não haverá gente nenhuma depois da batalha, na qual todos morrerão. Pergunta se o Rei quer perder o seu Reino por uma fantasia, “por um capricho de mancebo, um sonho da glória pessoal.”⁵⁸

Estas palavras enraivecem D. Sebastião que tira a espada e grita para todos saírem. Mas de repente fica sonhando com a imagem de D. Afonso Henriques, a quem apareceu Deus na batalha de Ourique e durante isso os Conselheiros podem sair.

5.2.4 Simão, o Sapateiro Santo

Simão é uma personagem muito interessante na peça de José Régio. É um profeta que é chamado pelo rei para o informar sobre as novidades na África. No início parece que Simão é um súbdito do rei, que despreza o rei. No fim da peça, todavia, é apresentado como o seu conselheiro. Porém, como lhe aconselha ir à

58 Idem, *ibidem*, p.59.

batalha apesar de saber que ele morra nela, parece como se manipulasse o rei para a morte. Diz-lhe sinceramente que a sua empresa “não passa de quimera ambiciosa dum louco”. E continua:

“Muito certo que te vais perder com os melhores que te acompanharem...já bem sabes que nem o teu pequeno Reino sabes governar. Tu...um cego visionário o que só vê o que sonha....Tens que te aniquilar.”⁵⁹

Já sabemos que D. Sebastião não quer ficar sozinho porque, como diz ele próprio, ao estar só, atacam-no as quimeras das fantasias e os fantasmas. É por isso que ele manda buscar alguém, seja quem for. Nestas situações, que representam cerca da metade da peça até ao fim, é sempre o Simão. Os dois falam sempre da mesma coisa, sobre a campanha à África, e D. Sebastião exige a opinião de Simão. Até D. Sebastião confessa não crer no triunfo da sua empresa. Simão prediz a morte para todos.

“El-Rei: Mas morrer?”

Simão: Sim, devagar: combatendo até que desapareças...até que teu corpo não haja no campo senão pedaços desconhecidos...até que ninguém possa reconhecer El-Rei em nenhum desses cadáveres mutilados...e ninguém verdadeiramente possa dizer tê-lo visto cair vencido!”⁶⁰

A seguir conta ao Rei o seu sonho que ele teve sobre o dia da batalha. Via o campo da batalha, coberto por cadáveres. Ao contar isso, no fundo da cena mostraram-se as imagens que ele descreve. Descreve a derrota das tropas lusitanas. Conta como o Rei louco desapareceu nas tropas dos inimigos e que ninguém o viu morrer nem sobreviver.

5.2.4.1 Fusão de D. Sebastião e do Encoberto

No fim da conversa do Rei com Simão, vê-se no pano de fundo uma cena após a batalha:

59 Idem, ibidem, pp. 66-69.

60 Idem, ibidem, p. 83.

“ Um dos vultos caídos (no campo de batalha) Ergue-se com movimentos lentos, como vindo a si dum torpor. ... Veste uma armadura resplandecente. E avança devagar, hirto, espectral, como uma aparição, ... El-Rei Sebastião volta-se então para ele: ... vai uns passos ao seu encontro. ... Apertam-se os dois, El-Rei e a Aparição, num abraço tão estreito que, por segundos, formam um só vulto.”⁶¹

Nesta cena é representada a fusão de D. Sebastião histórico com o mito do Encoberto⁶², quando os dois se unem num fenómeno só.

5.2.5 Decisão malfadada

Por fim, D. Sebastião decide empreender a empresa, apesar dos conselhos dos outros. Simão sai e entram o moço de câmara com os fidalgos. D. Sebastião dá-lhes a saber a sua decisão e diz ao moço de câmara que o pode acompanhar e combater a seu lado. Depois os fidalgos perguntam o que fazer com “aquele soldado” que foi condenado à pena capital por levantar armas contra o seu superior. Esperam que D. Sebastião o absolva, mas a sua sentença é a morte: “Enforquem-no!”, diz ele.⁶³

Quando El-Rei saiu com o moço de câmara, os fidalgos ficaram chocados na sala:

“Primeiro Fidalgo: Afinal...porque não prendemos este louco?

Segundo Fidalgo: *(depois de uma breve pausa de silêncio)* Prendê-lo? ..., ao nosso rei?”⁶⁴

Vemos à base deste exemplo que José Régio descreve D. Sebastião como um homem completamente distanciado da realidade que só se importa pela possibilidade da sua fama. Não escuta aos bons conselhos dos seus conselheiros que têm medo pelo Reino. Ele interessa-se só pelo seu sonho de empreender a campanha na África. É obcecado pelo desejo de ser grande, porém, faz exatamente o contrário. É fascinante a

61 Idem, *ibidem*, pp. 90-91.

62 Cf. Maria dos Santos e Manuel José Silva, *op. cit.*, p. 160.

63 Régio, *op. cit.*, p. 97.

64 Idem, *ibidem*.

representação de D. Sebastião de José Régio. É uma descrição excelente dos movimentos psíquicos que levaram à catástrofe.

6 Natália Correia e *O Encoberto*

Natália Correia (1923–1993), proveniente dos Açores, é autora duma obra multifacetada que abrange a poesia, a prosa de ficção, o teatro, o ensaio e a tradução. Ela também criou o programa da televisão chamado “Mátria”, no qual propôs uma nova espécie de feminismo, representando a Mulher como arquétipo da liberdade erótica e, claro, como fonte da humanidade. Este tema é também frequente na sua obra poética, como por exemplo na *Mátria* (1968).

Natália Correia foi um membro ativo da oposição do Estado Novo e foi condenada a três anos de prisão pela publicação da *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, porque esta peça ameaçava a moral e os costumes (1966). Em 1969 combateu junto com Mário Soares e outros a ditadura de Marcelo Caetano. Possuiu o bar Botequim, no qual se juntaram os artistas de todos os géneros (escritores, homens de teatro, boêmios). Em 1979 foi eleita à Assembleia da República como representante do Partido Popular Democrático. Como vemos, dedicou a sua vida à luta contra a ditadura.

A peça teatral *O Encoberto*, que nos interessa, foi publicada em 1969, mas foi imediatamente proibida pela censura e a estreia mundial tinha que esperar para o ano de 1977, no qual finalmente ocorreu, nos Açores, na Ponta Delgada, no lugar de nascimento da autora. Na folha da sala de 1977, a autora explica a razão da estreia tão tardia:

„Na altura em que a peça foi escrita, essa conotação com o regime que então vigorava em Portugal foi-me recurso para focar uma situação presente que o rigor censório não permitia abordar às claras. Mesmo assim não conseguiu a peça passar às malhas da severíssima censura que nela só descortinou um manifesto contra o fascismo exótico à vontade dos portugueses e por isso identificável com o reinado filipino.“⁶⁵

65 Armando Nascimento Rosa, “Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d’*O Encoberto*” in *Teatro do Mundo: tradição e vanguardas: cenas de uma conversa inacabada.orgs*.

Nesta mesma folha diz a autora que nesta obra ficam frente a frente dois fenômenos ou duas irracionalidades: o poder que escraviza e a irracionalidade de um libertador impossível.⁶⁶

Nesta obra, Natália Correia deixou-se inspirar pelo episódio do quarto falso D. Sebastião⁶⁷, Marco Túlio Catizzone, também chamado Calabrês, com quem se encontrou D. João de Castro e reconheceu nele D. Sebastião. Porém, este italiano era uns dias depois preso e entregue ao castelhanos, condenado às galés e enforcado em 1603.⁶⁸

6.1 A ação de *O Encoberto*

A obra baseia-se numa das lendas espalhadas depois da batalha de Alcácer Quibir, que diz que D. Sebastião sobreviveu e fica na Itália para recuperar forças e voltar num momento favorável. A autora propõe nesta obra uma interpretação paródica e caricata de uma das personagens míticas mais caras ao imaginário nacional.

A ação do livro é enquadrada no século XVI, sete anos depois da batalha de Alcácer Quibir, cerca de 1585, e começa com uma cena do espetáculo de uns comediantes em Veneza, na Itália. Chamam-se Purgatório dos Comediantes e estão a apresentar a peça que se chama *As Desventuras do Rei Encoberto Que Para Penar Os Seus Pecados Palmeia o Mundo Sujeito Às Aguras Do Mesmo A Fim De Ser Perdoado Pelo Senhor E Regressar ao seu Mundo*.

D. João de Castro, emigrante português, encontra-se também em Veneza e caminha para o lugar do espetáculo porque tem a informação que D. Sebastião, na cuja sobrevivência ele acreditou, possa encontrar-se aqui. Espera que o ator Bonami

Cristina Marinho e Nuno Pinto Ribeiro (Universidade do Porto: Centro de Estudos Teatrais, 2010), p. 105.

66 Idem, *ibidem*, p. 106.

67 Depois do desaparecimento de D. Sebastião, surgiram quatro “Pseudo-Sebastiões”: dois em Portugal – o “Rei de Penamacor” e o “ermitão de Ericeira” (ambos executados, em 1584 e 1585), e dois Sebastião falsos apareceram também fora de Portugal – um antigo soldado castelhano Gabriel de Espinosa e aquele sobre o qual se fala neste trabalho.

68 Besselaar, *O Sebastianismo: História sumária*, pp. 71-72.

seja D. Sebastião. Quando o Purgatório dos Comediantes começa a sua peça teatral e quando aparece o ator Bonami no papel de D. Sebastião, D. João de Castro acha reconhecê-lo, perturba a ação, pedindo Bonami, o D. Sebastião presumido, que ele volte para Portugal. Bonami comporta-se como se realmente fosse o Rei Sebastião e desde este momento a autora chama-o Bonami-Rei para acentuar a fusão das identidades: a do ator Bonami e a de D. Sebastião.

Isso não apetece a Floriana, agora que acompanha Bonami no Purgatório dos Comediantes. Ela conhece as suas loucuras: „não lhe meta essas coisas na cabeça. Quando representámos „A Malvadez de Nero“ convenceu-se que eu era a Agripina e se não me ponho a pau, arrancava-se as tripas.“⁶⁹ Assim vemos que é normal, esta sua tendência de se deixar consumir completamente pelo seu papel.

Porém, Bonami-Rei não foi com João de Castro para Portugal, mas foi preso e transportado para Portugal. Com ajuda dos seus partidários e crentes, Bonami-Rei consegue fugir e no início do 2º acto está com os revolucionários. Contudo, ele apercebe-se finalmente do perigo, na qual se meteu e quer fugir dos guerrilheiros, mas D. João de Castro não o deixa.

No campo encontra uma prostituta, chamada Ju-Ju, que realmente acredita na sua identidade do Rei. Lava-lhe os pés com as suas lágrimas antes da batalha e dá-lhe uma coroa feita de espinhos.

Os guerrilheiros são, contudo, derrotados e Bonami-Rei acaba na prisão.

A seguir decorre uma reunião do Vice-Rei com outros Nobres, que o tentam convencer da execução ou da tortura do prisioneiro, para Bonami confessar ser um impostor.

Depois de eles saírem, entra D. João de Castro, disfarçado de frade, com o pretexto de ter meios para fazer que o Bonami-Rei confesse ser um burlão. O Vice-Rei deixa-o entrar na prisão. Mas não é só um pretexto, ele realmente quer que Bonami-Rei se confesse ser um impostor. Para que a esperança não morra com ele.

69 Natália Correia, *O Encoberto* (Lisboa: Afrodité, 1969), p. 23.

No dia do tribunal, que deve julgar a sua identidade, Bonami-Rei é condenado à morte. O tribunal decide que é D. Sebastião, mas por isso deve morrer, porque é melhor para Filipe II que apague todas as demonstrações da oposição.

Depois da execução de Bonami-Rei, a prostituta Ju-Ju vem para o sítio da sua soterração, mas descobre que o corpo desapareceu. O que acontece a seguir é uma cena da literatura de *science-fiction*: de repente o ambiente passa para o século XX e no céu aparece um escafandro enorme que provavelmente representa a volta do Encoberto.

6.2 A análise da obra

Agora procedamos com a análise da obra de Natália Correia. Nela é notável um elemento que nos lembra a tragédia grego-latina – o coro. A ação, apesar de ser contada na forma do roteiro quando o texto secundário descreve a ação e o aspeto da cena, também é descrita ou até cantada, de vez em quando, pelo coro de três Catadeiras de piolhos. As suas falas são, ao relacionarem-se com Bonami-Rei, sempre ambivalentes e contraditórias. Segundo Maria de Fátima Marinho servem para mostrar a ambivalência entre o actor e a personagem.⁷⁰

6.2.1 Bonami-Rei

Quanto ao protagonista, o mais característico para ele é a vacilação entre as duas identidades: o ator Bonami e o rei D. Sebastião. Quando D. João de Castro lhe diz sobre a possibilidade dum papel de rei, ele aceita sem hesitação: „Para os descrentes sou a saudade do passado, para os loucos sou a saudade do futuro. O meu verdadeiro público espera-me. Agora sim, o meu palco é mundo.“⁷¹ E continua no seu papel até ao fim, apesar dalguns momentos de dúvidas e medo, como por exemplo no campo dos guerrilheiros, quando quer fugir, ou quando é torturado pelo Cristóvão de Moura, como veremos mais adiante.

70 Cf. Marinho, op. cit., p. 35.

71 Correia, op. cit., pp. 26 – 27.

Neste ponto surge-nos uma questão: é possível que o ator Bonami tenha sido o Rei Sebastião, esperando até agora e camuflando a sua verdadeira identidade? Ou é só o desejo do ator Bonami de representar o seu papel preferido, até fora do palco? Isto é o que não sabemos ao certo e a autora deixa-nos ficar na incerteza até ao fim da obra. A esta incerteza contribui também o fato de o protagonista ser chamado “Bonami-Rei”, o que é comentado assim:

“A partir deste ponto, Bonami e D. Sebastião são uma e a mesma pessoa pelo que a autora, respeitando o arbítrio da personagem, passará a denominá-la Bonami-Rei”⁷²

No seu cativeiro, no dia do tribunal que deve decidir sobre a identidade de Bonami-Rei, evidenciam duas testemunhas. A primeira é Floriana que acusa Bonami-Rei de a abandonar dizendo que com certeza não é D. Sebastião. A segunda testemunha é a moura Huria, personagem da peça teatral representada pelo Purgatório dos Comediantes, concretamente por Floriana, que conta a sua história de se apaixonar por um prisioneiro do seu pai, Xerife. E testemunha que este homem, isto é Bonami-Rei, é D. Sebastião. O juiz diz que depois dos dois testemunhos dá-se a sentença.

Quando Bonami-Rei é torturado pelo Cristóvão de Moura, é chicotado sem parar, oscilando entre a confissão de ser só um ator e a convicção de ser D. Sebastião. Neste cena, a ambivalência da identidade do protagonista é, talvez, mais visível.

“Bonami-Rei: Sou D. Sebastião! ... Os profetas anunciaram o meu Reino!
Sou o Desejado! ...

*Cristóvão de Moura, possesso de ira,
chicota ferrozmente Bonami-Rei.*

Bonami-Rei: Basta! Basta! Confesso que sou um actor!..”⁷³

Porém, Filipe II, explica ao Vice-Rei que para ele é pior Bonami morrer como ator porque assim a esperança no Rei Encoberto vai perdurar. Ele precisa que morra D. Sebastião mesmo e com ele acabe o perigo de revoltas.

⁷² Idem, ibidem, p. 25.

⁷³ Idem, ibidem, pp. 104 – 105.

O veredicto é: como a última testemunha é decisiva (e convém a Filipe II), Bonami-Rei é D. Sebastião e por isso deve morrer. Quando se prova assim a identidade de D. Sebastião, Filipe II deixa-o executar, porque precisa eliminar um rival ao trono português.

Como cantam as três Catadeiras:

“Dobrado que foi o cabo dos martírios,
Cinge, por fim, a coroa, D. Sebastião.
Reconhecido lhe é o título de Rei.
Oh, a malícia desta justa decisão.

Para tornar pública a sua real dignidade
Na praça principal o põem em exposição
E já alguns no povo dele se riem
Porque são cómicos os que inspiram compaixão

Um leteiro diz que é o Rei dos portugueses.
Tanto bastava para respeito infundir.
Mas Estes leteiros são propositamente dúbios:
Fazem tremer e dão vontade de rir.”⁷⁴

A cena seguinte apresenta Bonami-Rei depois do julgamento num pelourinho com um leteiro que diz que se trata do rei de Portugal. A situação e o leteiro são irónicos e Bonami-Rei é exposto à burla do povo.

Assim, Bonami-Rei ficou “prisioneiro da sua máscara, que o aniquialará.”⁷⁵ Mesmo que negasse a sua identidade de D. Sebastião, seria ele o alvo da revolta do povo que o queria ter por D. Sebastião. Isto faz da peça um drama tragicómico, porque representa “o confronto entre a vontade do indivíduo e o que dele é exigido pela sociedade.”⁷⁶

74 Idem, *ibidem*, p. 110.

75 Rosa, *op. cit.*, p. 108.

76 Idem, *ibidem*.

Bonami-Rei é por fim realmente executado, mas quando a prostituta Ju-Ju caminha ao sítio onde puseram o cadáver, não o pode encontrar. O cadáver desapareceu. Corre para a cidade para espalhar esta novidade. Como diz a descrição da cena, “neste ponto da ação estamos no século XX e, como tal, se vestem as pessoas.”⁷⁷ Como se a autora quisesse dizer com este brusco salto temporal que os portugueses atrofiaram, ficam sempre no mesmo passado. O tempo mudou-se, mas os portugueses desejam sempre a mesma coisa como no século XVI.

No final da peça é apresentada a volta de D. Sebastião: “Um enorme escafandro de metal reluzente desce lentamente do espaço lançando um esplendor na escuridão que imediatamente se faz, na qual mergulham os Homens e as Mulheres.”⁷⁸

Nada mais é revelado daquele escafandro, ou seja, da nave vinda dum outro planeta, onde D. Sebastião esperou na imaginação dos seus crentes. As últimas palavras da peça pertencem às três Catadeiras:

“O opressivo silêncio do mundo
Explode na incrível visão.
Enquanto formos escravos de Filipe,
Ovelhas seremos de D. Sebastião.

Quando deixará e vida que estiola
De inventar o inexistente
Rei que por isso consola?
Quando deixará o sonhar demais
De ser o perigo de viver de menos?
Oh, nunca, nunca teremos paz?”⁷⁹

A seguir cai o pano, mas como diz a descrição, a cena continua. Assim com este fim aberto acaba o 3º acto e com ele todo o livro. Estas últimas palavras até proféticas das três Catadeiras revelam-nos o receio de os portugueses nunca poderem

77 Correia, op. cit., p. 118.

78 Idem, ibidem, p. 123.

79 Idem, ibidem.

encontrar paz, porque sempre hão-de esperar por um messias.

Na peça não há muitas personagens, mas todas ou afirmam ou desmentem a identidade do ator. Vimo, por exemplo, que Floriana, namorada do Bonami, diz que ele é impostor, mas também diz que é rei por quem se apaixonou como moura Húria. O mesmo acontece com D. João de Castro que primeiro quer reconhecê-lo a todo o custo, mas depois lhe pede para confessar que é um comediante para conservar a esperança do povo. Também o Vice-Rei Cristóvão de Moura hesita até ao fim sobre a identidade do Bonami-Rei. Só a Nobreza se inereza apenas pelos seus bens, lucros e influência e na verdade não se interessa pela identidade verdadeira de Bonami-Rei.

6.2.2 João de Castro

No início da obra, D. João de Castro diz na sua conversa com um italiano:

„A minha alma é grande, É a alma de um povo que quer sobreviver, Soou a hora de fazer um pacto com os profetas. Contra estes, o suplício, a fogueira ... nada podem. Desejar absurdamente o impossível, eis a escolha que resta aos portugueses.“⁸⁰

Diz isso ao ir buscar D. Sebastião a Veneza. Segundo ele, então as profecias sepmre perduram. Por isso desejam os portugueses cegamente o que não têm. Sabemos que o verdadeiro D. João de Castro realmente foi a Veneza para buscar lá o suposto D. Sebastião. Encontrou lá um prisioneiro que mal falava português, que com certeza não era D. Sebastião, porém também D. João de Castro histórico acreditou na sua identidade de D. Sebastião.

Os espetadores da peça do Purgatório dos Comediantes descrevem o desejo dos portugueses com as seguintes palavras: „Os portugueses são capazes de reconhecer D. Sebastião no cu de gorila.“⁸¹ Esta frase causa com certeza um sorriso na face do leitor, pois parece não estar longe da verdade.

Importante é também a seguinte cena, quando D. João de Castro tenta

80 Idem, ibidem, p.15.

81 Idem, ibidem, p. 22.

influenciar Bonami-Rei na prisão:

“D. João de Castro: Venho pedir-te que confesses que és um safado comediante...Não só foste derrotado como te deixaste apanhar. Desta vez não escapas. Não te iludas. A causa serviu-se de ti e tu falhaste ... Que sobreviva a esperança do Rei Encoberto. Se morreres como D. Sebastião, contigo se extingue toda a miragem de liberdade para este povo.”⁸²

È mesmo surpreendente o seu pedido a Bonami-Rei, mas no fundo é compreensível. Tudo o que ele quer, é a esperança para o povo. A esperança num futuro melhor não pode morrer com uma pessoa. Os portugueses têm que acreditar, ou, pelo menos, sonhar com um futuro melhor.

6.2.3 O Governo

Filipe II é aqui representado como um reinador omnioso e maligno. Até a sua mulher e o seu filho chamam-no de monstro. Numa conversa sobre as profecias da vinda do Rei Encoberto, o rei diz que todos aqueles que cantavam as profecias foram executados, mas não valeu a pena, porque com tudo isso as profecias divulgam-se ainda mais. Por isso ele chama o Vice-Rei de Portugal, Cristóvão de Moura, para divulgar a fama de D. Sebastião voltar para Portugal:

„Filipe II: Faz com que essa expectativa atinja o delírio. Os portugueses terão o D. Sebastião que a sua insânia merece.”⁸³

A seguir decorre uma reunião do Vice-Rei com outros Nobres. Durante esta reunião, os Nobres são obrigados a assistir aos protestos do povo que diz que não vai trabalhar (os padeiros não vão fazer pão, os alfaiates não vão costurar) até o seu Rei ser libertado. E depois das outras protestações de banqueiros e padres, os Nobres, que se dão conta da possibilidade de maior vantagem para eles, mudam rapidamente a opinião e pedem Cristóvão de Moura para libertar “D. Sebastião”.

Estes apelos:

82 Idem, ibidem, pp. 83 – 84.

83 Idem, ibidem, p. 37.

“Condessa: Se não mandares cortar a cebaça do agitador teremos de te considerar o inimigo público número um da Nobreza.

Duque: Queremos a sua cabeça.

Tortura-o. “

Passaram para estes:

“Marquês: Cristóvão de Moura! Em nome da Nobreza deste reino pedimos-te que ponhas em liberdade o Rei de Portugal.

Duque: Cada minuto de clausura desse pobre vítima da tua estupidez é um ataque à liberdade de sermos Nobres.”⁸⁴

Deste trecho é claro que a Nobreza não quer o bom de Bonami-Rei. Tudo que os interessa são os proveitos que eles próprios vão tirar da situação.

6.2.4 Ju-Ju e Belchior de Amaral

Salientemos mais duas personagens da obra da Natália Correia – a de Belchior de Amaral e a da prostituta Ju-Ju. Belchior de Amaral representa aí a posição crítica da campanha da África e quer chamar atenção à manipulação do povo pela Nobreza. Mas o povo não está à escuta e ele acaba por ser linchado. No fim da peça, contudo, Belchior aparece outra vez, como um cientista do século XX. E outra vez quer chamar atenção à razão, mas outra vez é maltratado. Porque o povo insiste na esperança e nos mitos que, segundo ele, lhe podem trazer um futuro melhor.

Quanto à prostituta Ju-Ju, é necessário mencionar também a cena, que se refere a Maria Madalena⁸⁵, quando ambas as mulheres lavam os pés dos seus “donos” com lágrimas. (S. Lucas, 7, 37-38)

Outras referências a Cristo são a coroa de espinhos, que Bonami-Rei recebe no campo dos guerrilheiros, e o letreiro no palco depois da sua condenação à morte: “D. Sebastião, Rei dos Portugueses”. Este remete ao letreiro que Cristo tinha (apesar de haver mais formas do letreiro, segundo diferentes Evangelhos, escolhemos uma

84 Idem, *ibidem*, pp. 74-79.

85 Cf. Marinho, *op. cit.*, pp. 40-41.

mais geral, segundo Mateus, 27. 37): “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”.⁸⁶

Depois da execução de Bonami-Rei, Ju-Ju chega à cidade com a novidade de que o cadáver não fica no sepulcro, onde foi deitado. Trata-se doutra referência a Cristo.⁸⁷ É um sinal para os crentes que D. Sebastião não abandona o seu povo e que voltará. Também é, porém, possível que foi D. João de Castro quem manipulou com o cadáver para apoiar a crença e esperança do povo.

86 Idem, *Ibidem*, p. 41.

87 Cf. Rosa, *op.cit.*, p. 110.

7 O Mosteiro de Agustina Bessa-Luís

Passemos mais adiante para outra autora e outra peça importante para o nosso trabalho. É Agustina Bessa-Luís, nascida em 1922 em Vila Meã, que trabalha nas suas obras frequentemente com as procuras nostálgicas do passado e com o sentido das relações humanas. Ocupa-se muito com as relações familiares, as quais examina por meio de uma penetrante análise psicológica. O seu melhor romance é considerado *A Sibila*, pelo qual a autora ganhou vários prémios. No nosso trabalho, porém, vamo-nos concentrar noutro romance, *O Mosteiro*, obra que se ocupa com o mito sebastianista do ponto de vista da psicanálise. Por este livro a autora recebeu no ano do lançamento, isto é em 1980, o Prémio Pen Club Português de ficção e o Prémio D. Dinis.

7.1 A ação do livro

À primeira vista não parece, contudo, o *Mosteiro* como uma obra sebastica, porque trata da vida das pessoas à volta da casa Teixeira. Só alusões ocasionais mencionam o objetivo de uma das personagens escrever sobre D. Sebastião.

A ação deste livro desenrola-se a partir dos anos trinta do século XX. à volta dum mosteiro numa pequena vila chamada São Salvador. Trata sobretudo dum menino, Belchior Teixeira, que tem no início da obra treze anos, e que vem de férias à casa das suas tias. Ele decide escrever um livro sobre D. Sebastião e assim começa a colher informações. Quer descrever D. Sebastião em relação com o seu primo José Bento, que lhe era antipático, até o repugnava.

Podemos dividir a peça em duas linhas da ação: uma maior, que se refere aos habitantes do “viveiro”, como o narrador chama a casa das tias Teixeira, e a outra, digamos a menos elaborada, que se refere aos habitantes do mosteiro que, na altura da ação do livro, é um manicómio.

Na peça são descritas pessoas que procuram refúgio na casa Teixeira; além

da família Teixeira são, por exemplo, um casal judeu – o senhor e a senhora Klarsfeld, e Josefina Viana, uma jovem que depois duma aventura com um homem casado é obrigada pelo pai ficar na casa Teixeira e fazer penitência.

A obra aborda também os acontecimentos históricos, além daqueles ligados a D. Sebastião, tal como o salazarismo ou a Revolução dos Cravos. Estes são, porém, mencionados só brevemente e não intervêm no ação do livro. Porque, como diz o narrador, o vale de São Salvador sobreviveu todas as mudanças quase inalterado.

A obra é dividida em cinco capítulos. Os primeiros quatro capítulos são narrados na 3ª pessoa, o último na 1ª pessoa. O primeiro capítulo chamado *Belchior* descreve a infância de Belchior Teixeira e as suas férias na casa das tias. Quando ele leu *Confissões* de Santo Agostino, começou a interessar-se pela história. Nesta parte do livro é também contada a história do mosteiro. O segundo capítulo, *O Viveiro*, conta a história das pessoas que passaram pela casa das tias. No capítulo *Os Doidos* o narrador descreve o mosteiro como uma casa de doidos e conta histórias das pessoas aí internadas. O penúltimo capítulo, *A Sedução*, trata da estadia de Belche na casa de Teixeira, durante a qual ele escreve a sua obra sebástica. Porém, ao aparecer lá de novo Josefina Viana, ele está obcecado por ela e a sua obra fica inacabada. Quando ela abandona o viveiro e pouco tempo depois morre, Belche também parte da casa. O seu caderno é encontrado pelas sobrinhas que lêem o que ele escreveu. O último capítulo intitulado *O Medo* representa o próprio texto de Belche. Descreve com muitos pormenores a história ainda antes do nascimento de D. Sebastião, fala por exemplo sobre a sua mãe, D. Joana, ou sobre outros antecessores dele. Descreve também a pessoa de D. Sebastião e a batalha de Alcácer Quibir, colhendo informações tanto das fontes portuguesas (Frei Bernardo da Cruz), como das fontes orientais. De repente rompe-se a narração sobre D. Sebastião e o texto volta à própria história de Belche e descreve as suas experiências em contraste às do rei.

7.2 A análise da obra

Agora ocupemo-nos com a análise de *O Mosteiro*.

7.2.1 O Mosteiro e vale de São Salvador

O que é interessante é a conexão do sítio, São Salvador, com Alcácer Quibir e, claro, com a pessoa de D. Sebastião. São Salvador é apresentado, já na página nove, como coberto pela névoa (“já despido de brumas”). Também no início do livro é mencionada a situação do vale São Salvador e do mosteiro na altura do reinado de D. Sebastião:

“Até aí, as rendas do convento beneditino eram devoradas pelos seus padroeiros, homens de guerra que despojavam os mosteiros dos seus bens em troca dos serviços prestados à coroa. Mas, na alvorada do grande desastre histórico de 1578, o vale respirou, liberto da expropriação dos usurpadores.”⁸⁸

Assim vemos que a autora percebe a catástrofe de Alcácer Quibir como uma libertação. Como vamos ver mais adiante, D. Sebastião é descrito como um menino caprichoso e mimado, de maneira que a batalha talvez tenha sido uma libertação dos seus desejos caprichosos. O episódio de Alcácer-Quibir possibilita então ao mosteiro e ao vale a libertação, não só económica, mas também psicológica:

“ao perder o sonho do Rei Desejado, a população de São Salvador viu-se livre da responsabilidade do sucesso, tão sonhado quanto temido, e capaz de trabalhar suas frustrações e expectativas reais, sem o sonho do passado.”⁸⁹

Vemos aqui então uma alusão positiva aos acontecimentos originalmente trágicos do século XVI.

A seguir o narrador descreve a casa de doidos, que Belche visita frequentemente. Conta as histórias dos seus habitantes, que na maioria dos casos sofrem de demência. É interessante a hierarquia existente entre os habitantes. As pessoas intitulam-se com vários nomes, há por exemplo um homem que se chama

88 Agustina Bessa-Luís, *O Mosteiro* (Lisboa: Guimarães Editores, 1995), p. 29.

89 Tatiana Alves Soares Caldas, *Entre o erro e a certeza – Uma leitura de O Mosteiro*, disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/07.htm> (acessado em 2/5/ 2014).

General Carmona, outro intitula-se com nome de Rei D. Carlos.

Oliveira Martins diz na sua *História de Portugal* que o sebastianismo é uma loucura colectiva, sinal da decadência de toda a nação. “Portugal renegava – por um mito – a realidade; morria para a história, desfeito num sonho.”⁹⁰ Assim podemos associar à esta ideia a transformação do mosteiro em casa de loucos. Os seus habitantes identificam-se com as personagens históricas o que os leva à confusão acerca da própria identidade deles. Podemos talvez ver neste motivo a alusão da autora ao fato de Portugal se sempre identificar com uma personagem histórica.

7.2.2 Belchior

A personagem principal é Belchior Teixeira. Ele cultivava desde pequeno gosto por livros de história e quando “começava a reconhecer a sua vocação para historiador”⁹¹, visitava frequentemente os museus como objetivo de analisar a fisionomia dos retratos dos imperadores. E ao olhar para o retrato de D. Sebastião, achava-o parecido com o seu primo José Bento. “Pensava fazer o estudo do primo, liquidando-o numa espécie de biografia monumental cujo assunto era D. Sebastião.”⁹²

Belche dedicou-se então à leitura e à escrita, porque segundo ele “eram excelentes meios para explorar as funções psíquicas.”⁹³ E depois de concluir os seus estudos de Direito, quis escrever pelo menos duas páginas por dia. Porém, com isso fracassou o seu casamento. Para mudar uma monotonia aparecida na sua vida, Belche começou a escrever apontamentos para a história de D. Sebastião. E o modelo para isso foi, como já dissemos, o primo José Bento, que sempre repudiava as mulheres.

Passo a passo decidiu-se separar da sua mulher. Não pôde compreender porque se casou – não tinha vontade de ter filhos e a mulher para ele era na verdade um estorvo. A seguir, Belchior acabou também com a sua profissão e refugiou-se na

90 Isabel Pires de Lima. *O Regresso de D. Sebastião*, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2760.pdf> (acessado em 30/4/2015), pp. 6 – 7.

91 Bessa-Luís, op. cit., p 62.

92 Idem, ibidem, p. 63.

93 Idem, ibidem, p. 110.

casa Teixeira. Nela trabalhou na sua obra, que se tornou extensa demais, sendo na verdade José Bento quem ele atingiu nela. Manifestou-se nela o desprezo que Belche sentia por José Bento toda a sua vida.

Quando Josefina Viana voltou ao viveiro, Belchior desistiu do seu trabalho na obra sebástica, porque ficou fascinado por ela. Abandonou então o seu livro, porém, sempre pensou nele. Sob a influência de Josefina pensou em D. Sebastião como uma mulher e quando Josefina partiu e morreu, D. Sbeastião passa para o “Arcanjo do transitório”⁹⁴

Depois da morte de Josefina, ele fugiu da casa das Teixeira, dedicou-se, todavia, à escrita. Escreveu muitos livros que tinham sucesso. E depois da sua partida é encontrado o seu caderno no seu quarto no viveiro.

7.2.3 José Bento e o pícaro

Das descrições do narrador podemos extrair a imagem de José Bento. Como D. Sebastião, tinha gosto pelo desporto e pela caça e gostava de mandar. “Parecia concentrado no tipo marcial, ligeiramente tenebroso...e o pudor das raparigas.”⁹⁵ Depois da Segunda Guerra Mundial começa-se revelar as suas tendências: desejava a volta para o reino ou a posição de ministro.

É a própria evolução de José Bento que Belche copiou na descrição de D. Sebastião. José Bento também absolvou a carreira no exército e quando voltou da Índia, ficou mudado – não suportava olhar para o espelho e quase perdeu o contato com a realidade. Depois, durante a guerra colonial, foi para Angola. Depois da sua volta ele estava irreconhecível, tanto no interior como de fora. Um estilhaço de mina destruiu-lhe uma parte da face.

Depois, quando envelheceu, dizia que no país não havia homens e que com a morte de Salazar morreu também Portugal. Como militar foi José Bento um sebastianista puro. “Parecia pronto aceitar um compromisso desastroso que o

94 Idem, ibidem, p. 190.

95 Idem, ibidem, p. 112.

libertasse ao mesmo tempo das suas frustrações.”⁹⁶ É um traço muito similar que compartilha com D. Sebastião.

José Bento, que também viveu no viveiro, começou a interessar-se por Josefina e decidiu casar com ela. Fez isso para parar a sua decadência. O narrador diz, que José Bento não era guerreiro nem homem com objetivos e o seu casamento com Josefina devia finalizar a sua vida pícara.

“O mundo do pícaro, que começou com o século XVI, a par do Renascimento, que tornou um homem candidato à desilusão, teria de atingir a sua idade de ouro nos nossos dias.”⁹⁷

Como se fosse necessário a conclusão do processo pícaro que acontece nos nossos dias e por isso se conserva um certo sebastianismo na mente das pessoas na atualidade. Em relação ao pícaro fala o narrador sobre a morte do Desejado. Que esta funcionou como um trauma porque o movimento pícaro não estava acabado.

7.2.4 Josefina Viana

Quando Josefina Viana apareceu pela primeira vez na casa Teixeira, era por causa de uma aventura entre ela e o senhor da Costa. Veio lá para ficar “em prisão” e fazer penitência. Ela não era um tipo de menina infeliz que gostasse de ser protegida. Falava pouco e não participava nas relações da família. Ficou no viveiro por volta dum ano e depois o abandonou. Durante a sua estadia, porém, Belche comparou-a com D. Joana, mãe de D. Sebastião: “tinha olhos grandes, pretos, e um sinal na face esquerda, como D. Joana, a mãe do Desejado.”⁹⁸

Quando ela voltou ao viveiro, tinha quarenta anos. No início, Belche pensa nela em relação com D. Joana, mas isso muda-se passo a passo. Como Belche estava obcecado por ela, era natural que também o retrato de D. Sebastião na sua mente ganhasse semelhantes feições:

96 Idem, *ibidem*, p. 144.

97 Idem, *ibidem*, p. 183.

98 Idem, *ibidem*, p.76.

“Josefina chegava ainda à realidade sebástica, o príncipe era, nem mais o filho da mística real e engendrado no orgulho. Nem cristão nem guerreiro. Não falava alto no coro e não profanava sepulturas?...E então Belche chegou ao ponto culminante do seu livro: D. Sebastião era uma mulher.”⁹⁹

Em seguida Belche desenvolve hipóteses que suportam esta ideia: a mãe cheia de ignorância, os pajés que nem podiam ver os pés descalços do rei.

Depois da saída definitiva de Josefina da casa e depois da sua morte misteriosa, Belchior transforma a imagem do Desejado para o Encoberto. Duma mulher ele passa para “o Arcanjo do transitório.”¹⁰⁰ Passa a ser algo mais fugaz e mais abstrato.

7.2.5 D. Sebastião e o Medo

“Não é fácil dizer como as coisas se passaram. Quase tudo jaz debaixo do peso do encoberto, na profundidade da História”¹⁰¹ Assim começa a biografia de D. Sebastião que invade a narrativa principal, e de repente começa uma narrativa nova. Uma pista que possibilita a compreensão de que se trate dum novo texto num texto já existente, encontramos-la no fim do capítulo anterior, onde as sobrinhas de Belche encontram o seu caderno, a sua história sebástica. Como o nome deste quinto capítulo assinala (O Medo), esta história ocupa-se muito com medo. Diz sobre D. Sebastião (e sobre José Bento) que o mais importante para ele não é o sucesso mas sim ser amado e ultrapassar o medo. Porém Belche acaba por desistir de terminar o seu livro. E conclui a sua obra com a seguinte afirmação: “Os Santos são os únicos que, amando a essência, acham a verdade.”¹⁰²

Como já foi dito mais em cima, o último capítulo do livro representa a obra de Belchior. Descreve D. Sebastião como um príncipe que só quer impressionar os outros.

99 Idem, ibidem, p. 168.

100 Idem, ibidem, p. 190.

101 Idem, ibidem. p. 215.

102 Idem, ibidem, p. 289.

“Vive em defesa e não no risco, esse príncipe a quem a realidade de exterior faz tremer; a quem o ofício de reinar desilude, a quem as responsabilidades da vida adulta deixam ofendido.”¹⁰³

Diz que o rei era caprichoso e mimado e quando não se fez tudo o que ele queria, “lhe vêm desmaios, ânsias e dor de coração.”¹⁰⁴ Vemos que não é um homem que possa liderar as tropas. Apesar de se preparar para vencer os mouros, não era um líder, porque ser líder exige estratégia que lhe era desconhecida.

O retrato de D. Sebastião corresponde aos defeitos do seu primo, no livro há então um certo “redobro das características físicas e psicológicas (desenvoltura física, gosto pela caça e pela guerra, o pudor diante das raparigas).”¹⁰⁵

Toda a vida de D. Sebastião é um teatro. Ele imita um herói. Faz tudo só para fazer uma imagem heróica de si. Mas como Belche gostava de pensar na psíquica das pessoas, faz a conclusão que D. Sebastião tinha medo. Pensa que o medo era o maior motivo do seu comportamento. Por isso o seu estudo sobre D. Sebastião parece ser ao mesmo tempo um estudo sobre o medo, “em que a História funciona como um refúgio de presente individual.”¹⁰⁶

Vimo que esta obra de Agustina Bessa-Luís ocupa-se intensamente com o mito sebastianista e com as suas consequências. “A narrativa realiza uma verdadeira dissecação do inconsciente coletivo português...*O Mosteiro* analisa todo o jogo ilusório que cerca a imagem do Rei Desejado.”¹⁰⁷ Eduardo Lourenço, no seu texto intitulado *Labirinto da saudade* diz que o sebastianismo atribui aos traumas presentes do país a atitude nostálgica, tão característica para os portugueses; o trauma é causado pelo contraste entre o passado glorioso e o presente decadente. A crença no sebastianismo resgata, de certa forma, a glória perdida no passado e a crença na sobrevivência do Desejado tem a ver com a “incapacidade do povo português para

103 Idem, ibidem, p. 224.

104 Idem, ibidem, p. 225.

105 Cristina Vieira, “Construções singulares em torno do mito sebastico” in *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional* (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004), p.309.

106 Lima, op. cit., p. 259.

107 Caldas, op.cit.

lidar com as frustrações.”¹⁰⁸

Acreditamos que esta peça descreve na verdade a situação de Portugal – o mosteiro e a casa de doidos deve, no nosso ver, representar o próprio Portugal. Quer dizer, os portugueses comportam-se como os hóspedes da casa de loucos quando se dirigem com as suas esperanças ao passado.

108 Cristina Vieira, *op. cit.*, p. 313.

8 Almeida Faria e *O Conquistador*

Neste ponto passamos para a última obra que pretendemos analisar no nosso trabalho. É o romance *O Conquistador* de Almeida Faria.

José de Almeida Faria nasceu em 1943 no Conselho de Montemor-o-Novo. È licenciado em História e Filosofia e como escritor estreou-se em 1962, com apenas dezanove anos, com a sua obra *Rumor Branco*. Mais conhecido é talvez pela sua *Tetralogia Lusitana* composta pelos seguintes livros: *A Paixão*, *Cortes*, *Lusitânia e Cavaleiro Andante*. Nela Faria reflecte a situação do homem português face ao seu contexto social.

Em 1990 surge o seu livro chamado *O Conquistador*. Como diz Alzira Pires, utiliza o mito português „para demonstrar como o povo português viveu estagnado e vazio de objetivos durante centenas de anos, por fechar-se em um passado que se pulverizou no tempo e no espaço.“¹⁰⁹

Almeida Faria diz sobre o mito:

“O mito sebastiânico está tão presente no nosso imaginário popular e literário, que frequentemente volta à tona sob novos nomes e metamorfoses. Mito e literatura sempre foram, aliás, inseparáveis aliados.”¹¹⁰

Ele cria por meio da paródia a personagem de Sebastião, um menino que procura a identidade no mundo real e põe-a em contraste com a personagem histórica de Dom Sebastião. Assim, através do menino Sebastião vemos a característica do homem português, na procura da identidade e da origem .

109 Alzira Pires, *Do bico de pena à tinta da escrita: O conquistador, de Almeida Faria* , disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-24092009-114549/pt-br.php> (acessado em 29/4/2015), p. 33.

110 Entrevista a Almeida Faria, disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/11/14/escritor-almeida-faria-fala-sobre-o-sebastianismo-63545.php>. (acessado em 22/3/2015).

8.1 A ação do livro

A peça começa com a descrição do nascimento miraculoso de Sebastião. Ele nasce no dia 20 de Janeiro, que é o dia de Santo Sebastião, por isso é chamado segundo ele. E como vamos ver mais adiante, muita gente espera dele várias façanhas grandes. Porém, ele tem desde pequeno outras façanhas a realizar – seduzir mulheres. Ao contrário de Dom Sebastião, que tinha uma educação ascética e nunca tinha tido uma relação amorosa, o nosso protagonista lembra-se das suas histórias amorosas que começaram já por volta do seu segundo aniversário, quando se excitou, ao ser brunido por Dora Bela. Ao frequentar escola, seduziu até a mestre da classe, D. Justina. Mas depois conheceu uma menina da América que esteve de férias em Portugal. Chamou-se Clara. E era o seu primeiro amor verdadeiro. Apesar dos obstáculos linguísticos, depois de aprender inglês, Sebastião pôde falar com ela sobre tudo – sobre os seus pensamentos e sobre os sentimentos. Porém, Clara foi lá de férias e as férias têm de acabar um dia. Depois da sua partida, Sebastião sentia-se muito perdido sem ela.

Mas a vida continua, Sebastião estuda em Sintra e chegam outras namoradas. Mas estas namoradas eram todas inferiores à Clara, sendo só meninas simples. Um dia, todavia, ele conhece uma brasileira, Helena, com a qual ele foge a Paris, porque quer escapar ao serviço militar. Em Paris trabalha num instituto fazendo companhia das damas. Ao mesmo tempo estuda e pensa em Clara. Depois da conclusão dos estudos, sente-se muito cansado e quer voltar para Portugal.

Depois da sua volta, ele pensa na sua vida, avalia-a e contempla.

8.2 Análise da obra *O Conquistador*

8.2.1 A chegada do Desejado?

A avó de Sebastião, para „falsificar“ a sua origem incerta, contava-lhe uma história de como ele nasceu:

„Num dia inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de

Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo, metido num ovo enorme, com cabeça, as pernas e os braços de fora¹¹¹

A cena seguinte coincide com a de Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*. No dia 20 de Janeiro, „vindas do mar, lufadas de névoa avançavam em direcção a Serra.“¹¹² Tudo isso nos evoca a chegada do Rei Encoberto que chegará num dia de nevoeiro. Como se este menino fosse aquele Encoberto desejado que salvará Portugal.

Apesar de Sebastião gostar das histórias contadas pela avó sobre as suas semelhanças com o Rei, ele próprio não aceita qualquer responsabilidade, pelo contrário, rejeita-a: „Quando cresci e percebi que algo se esperava de mim, preferi, por instinto, fingir que não era nada comigo.“¹¹³ Todas as conquistas, que ele quer fazer, são as amorosas.

O menino tinha pesadelos, muitas vezes acordava a berrar, os pais achavam que sonhava com diabos, mas a verdade era que eram homens que o assustavam:

„...as lutas entre os dois gangs rivais que mutuamente tentam liquidar-se. Num dos bandos abunda gente de turbane, que pelos vistos me considera seu inimigo, não sei porque, nem conheço os meus inesperados aliados. Por palpites distingo quem é quem, sob o sol e a poeirada que não me deixam ver nada e me fazem vacilar de tonturas e vômitos.“¹¹⁴

Como se o apavorassem as expectativas dos outros. Este excerto é uma paralela clara com a batalha de Alcácer Quibir e exprime o seu pavor.

„o rei meu homónimo se sentiu provavelmente obrigado a lancar-se ma absurda batalha contra os árabes, em pleno deserto, no mes de agosto, sob um sol de quarenta graus...a avó dava-me alento dizendo que num dia o Rei voltaria, numa certa madrugada, no meio da neblina“¹¹⁵

111 Almeida Faria, *O Conquistador* (Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1993), p. 15.

112 Idem, *ibidem*, p. 15.

113 Idem, *ibidem*, p. 19.

114 Idem, *ibidem*, p. 18.

115 Idem, *ibidem*, p. 20.

Também ele contempla sobre a sua origem, sobre as semelhanças entre ele e os seus pais ou a sua avó, querendo convencer-se de não ser órfão:

„Que te importam as diferenças físicas, por várias gente notadas, em relação aos pais que te geraram ou que só te adoptaram? Que interessam parências dessas?.....Com tua avó és vagamente parecido, no feitio complicado, na imaginação que perde a pé à realidade.“

Pode ser outra alusão à origem de D. Sebastião que se sentiu como órfão completo. Órfão do lado do pai e abandonado pela mãe. Mas o menino passava tempo só com a sua avó, que lhe era cara, ao contrário de D. Sebastião.

8.2.2 As conquistas amorosas

A sua vida amorosa começou já com três anos, como se precisasse conseguir o mais possível. Porém, um dia entra na sua vida uma mulher que muda tudo.

8.2.2.1 Clara

Assim ele encontrou a sua quarta namorada, ou seja o seu primeiro grande amor. Clara, americana que vem a Portugal para passar lá férias. Sebastião sentiu necessidade de a seduzir, mas Clara não se deixou seduzir facilmente. Primeiro, Sebastião teve que superar alguns obstáculos para poder conquistar o coração da Clara. Para ela, muito importante foi a comunicação, mas para ele era difícil falar inglês. Por isso comunicaram no início por meio de gestos. E depois Sebastião decidiu aprender falar inglês.

O facto de ele poder comunicar com ela causou que Clara ficasse superior à todas as mulheres que chegaram depois. Com Clara ele compartilhou sentimentos, lembranças e pavores. Para Sebastião foi uma nova situação: até agora foi o caçador e o conquistador, mas agora foi ele quem foi conquistado. Comportou-se delicadamente e carinhosamente, o que ajudou a Clara a abrir o seu coração com ele. Quiseram passar todo o tempo juntos. Mas não foi para sempre, já que Clara teve que voltar para Nova York.

É interessante a pesquisa que Clara faz em Portugal que é na verdade a razão pela qual ela viajou para Portugal – fazer uma árvore genealógica e explorar a sua origem judaica. Quanto à sua atitude perante a história, é muito científica e crítica. Assim, para ela, o mito do sebastianismo foi apenas uma brincadeira. Logo, Sebastião sente vergonha de contar a história do seu nascimento e da sua aparência com o Rei Sebastião.

A personagem da Clara é muito importante no livro, porque ela conseguiu mudar não apenas a relação do protagonista às mulheres, fazendo-o descobrir que não eram iguais uma a outra, como também mudar a sua relação a si próprio – ele apercebeu-se que é capaz de amar.

8.2.3 A avó Catarina

Outra personagem que devemos mencionar é a avó Catarina e a sua relação com o protagonista. É interessante a observação de Sebastião sobre a avó, que é comparável com a famosa frieza da avó do Rei Sebastião: “O desdém que mostrava pela gente metia-me tal respeito que, na infância, não conseguia olhá-la de frente.”¹¹⁶ Porém com esta paralela, a semelhança entre as duas Catarina termina. Foi a avó quem lhe aconselhou a não se casar, ao que Sebastião respondeu que não queria dedicar-se a uma mulher só. Talvez só à Catarina, porque ela era a única mulher com a qual era capaz de passar na verdade toda a vida (ao contrário da sua mãe, que não influenciou a vida do filho). “Esta avó Catarina viria a ser decisiva na minha vida”,¹¹⁷ diz o protagonista. Com quinze anos ele foi viver com ela na sua casa descrevendo como „uma deusa tutelar, controladora dos meus prematuros namoros.”¹¹⁸

Catarina não gostava dos seus romances, sobretudo porque achava que as mulheres só queriam atingir casamento com o seu neto. No dia do septuagésimo aniversário da Catarina, Sebastião convidou-a a um restaurante bonito. Tudo correu bem, até que Sebastião reparou numa mulher brasileira sentada com o seu marido

116 Idem, ibidem, p. 16.

117 Idem, ibidem.

118 Idem, ibidem, p. 23.

numa das mesas. Sebastião flertou com ela, o que completamente enraiveceu a Catarina.

“Só ao chegarmos a casa, é que a avó desatou aos gritos como nunca até então eu a ouvira, insultando-me com a fúria de Justina ao apanhar-me em flagrante delito. Sufocada de raiva, acusava-me de ter dado cabo do seu aniversário, de não ter vergonha na cara, de andar a meter-me com mulheres casadas estando o mundo abarrotado de meninas idiotas, capazes de todos os disparates para caçarem um homem. Procurei acalmá-la, garantir-lhe que enganava, propor-lhe que bebêssemos um Cointreau ... e acabamos em tréguas provisórias com um beijo de compromisso.”¹¹⁹

È muito estranha a reação da avó, porque reage como uma amante traída. Já sabemos que a relação entre eles é muito íntima, mas o próprio Sebastião não percebe isso. Fica em desacordo esta descrição da avó no livro com o que sabemos da avó do Rei Sebastião.

8.2.4 Sebastião e Sebastião

Neste subcapítulo ocupar-nos-emos com as alusões ao D. Sebastião na obra, comparando-o com o protagonista do livro. Há muitas semelhanças entre eles, tal como a mesma data do nascimento, os nomes dos pais e não podemos esquecer-nos da semelhança física entre os dois Sebastões.¹²⁰ Porém, por outro lado, há também muitas diferenças, por exemplo o pacifismo do protagonista ou o desejo de efetuar conquistas amorosas para fazer aquilo, que o “outro” Sebastião não fez.¹²¹

O menino Sebastião quer afastar-se das ideias de ele ter alguma coisa a ver com aquele Encoberto. Porém é interessante que quando ele era pequeno, nos tempos livres ele imaginava a Corte. Imaginava gente das longínquas terras, que falavam línguas exóticas e às vezes aconteceu que gritava no meio da sua imaginação. Isso,

119 Idem, *ibidem*, p. 101.

120 Cf. Lima, *op. cit.*, p. 261.

121 Cf. Faria, *op. cit.*, p. 74.

todavia, não significava que o menino quisesse estar na pele de D. Sebastião, era só uma brincadeira de criança.

Uma outra situação, na qual nos surge a comparação com D. Sebastião, é no museu, quando Sebastião quer mostrar a uma das suas amanteas o quadro de D. Sebastião e assim apontar para a semelhança entre eles. Vejamos como ele descreve o Rei neste momento:

“Quase me era antipática a pose majestática, o frio olhar arrogante e crispado de quem sempre representando se apresenta... tudo no quadro está pensado para investir de sinais de poder o adolescente pouco seguro de si, órfão de pai antes de ter nascido, abandonado pela mãe, obviamente mal-amado, desejoso de provar o seu valor e de se vingar do mundo a todo o custo. .. tanta fragilidade não se disfarça sob o olhar duro, de quem cedo foi ferido e à força quis ser adulto.”¹²²

Agora parece-lhe antipático olhar para a pintura do monarca arrogante e frio. Ao mesmo tempo vemos na frase “sempre apresentando se apresenta” um paralelo de D. Sebastião com a de Belchior, personagem principal da obra *O Mosteiro* de Agustina Bessa-Luís. Mas até mais interessante para nós é o seguinte:

“Por ironia da história, o Rei Virgem passou a ser alvo dos fascínios femininos e, após a sua morte numa derrota ominosa, muito boa gente caíra num masoquismo colectivo que define bem o fraquinho deste país por tudo que seja fracasso, amadorismo e misticismo de pacotilha.”¹²³

Deste excerto é clara a posição do protagonista (e também da autora) ao mito e às inclinações portuguesas para o messianismo. Ele despreza as pessoas que acham o mito sebastianista ser o paradigma da identidade portuguesa. Neste sentido temos que relembrar a personagem de Alcides de Carvalho, que espalhou a história extraordinária do nascimento do protagonista e que o forçou para aceitar a sua obrigação de ser uma reencarnação do Rei falecido. Alcides faz isso apesar de ele

122 Idem, ibidem, p. 107.

123 Idem, ibidem, p. 108.

próprio ter só uma vaga ideia sobre o conteúdo dos feitos que ele quer que Sebastião faça. Foi também ele quem convenceu o menino para estudar no Liceu Central de Pedro-Nunes porque o judeu Pedro Nunes fora um daqueles que teriam educado e ensinado Dom Sebastião no século XVI. A descrição caricatural de Alcides de Carvalho e do seu primo Gabriel Gago de Carvalho serve ao autor para pôr em dúvida este “masoquismo colectivo” - a afeição dos portugueses pela derrota, da qual eles parecem gostar.¹²⁴

A seguir mostra-se a diferença entre o protagonista e o Rei na sua atitude perante a guerra: apesar de ser persuadido para ir à guerra (e foi outra vez o Alcides quem tentou persuadi-lo), para lutar contra os rebeldes e insurrectos das colónias portuguesas na África, ele recusou. Não quis matar gente inocente que só queria ser livre. Por isso caminhou até à França, onde se reencontrou com Helena, a sua amante brasileira, e juntos viajaram para Paris.

8.2.5 Estadia em Paris e a mudança do protagonista

Aí tornou-se um membro da sociedade SUCH (*Société pour l'usage Convenable des Hommes*). No início, ele tinha achado que ia só acompanhar mulheres solitárias, mas depois percebeu que o objetivo era “saciar a volúpia e alimentar as veleidades da solidão feminina.”¹²⁵

Ao mesmo tempo ele começou a frequentar cursos de História na Sorbonne, não só porque quis descobrir o passado, mas também porque ao estudar história, sentiu uma conexão com Clara. Todavia os estudos e o trabalho esgotaram-no até ao ponto de ele ter que fugir. E como em Portugal ocorreu a Revolução dos Cravos, pôde voltar lá, apesar de clandestinamente.

Neste ponto vê-se a sua transformação – não encontra mais prazer em estar com mulheres e também reflete mais sobre a sua vida e a sua identidade. Depois da sua volta sente-se muito cansado e quer fechar-se no seu interior. Não se sente triste

124 Cf. Tobias, op. cit., pp. 278-279.

125 Alzira Pires, op. cit. p. 63.

nem deprimido, só quer dormir e afastar-se do esforço de existir. Em Portugal, na Peninha, nos lugares da sua origem, ao contemplar as paisagens conhecidas, pensa em Clara, na sua vida, em o que ele é, nas mulheres que encontrou na sua vida e nas mulheres que seduziu.

8.3 A mensagem de *O Conquistador*

Apesar de tratar de temas muito sérios para a história e a cultura portuguesa, *O Conquistador* de Almeida Faria é um livro divertido e irónico. Como observam António José Saraiva e Óscar Lopes na sua *História da Literatura Portuguesa*, é uma “parodística projeção de um domjoanesco presente sobre o sebastianismo nacional inveterado.”¹²⁶ Esta obra constrói, de forma leve, uma ligação entre o homem moderno e entre o homemdo passado.

È antes de tudo uma reflexão sobre a identidade. O que podemos levar da reflexão da personagem de Sebastião sobre a situação de Portugal? Será que nos aconselha contemplar sobre o passado para finalmente ver o futuro? Como o passado nos cansa e desapetece, aconselha-no afastar-se dele e agir diferentemente do que no passado? “A sociabilidade comunitária permite o nascimento da tradição, em que o coletivo e o individual se confundem, dando origem ao fundo anímico comum capaz de ser transmissível às futuras gerações, enquanto as vivências apenas produziram um homem sem história e, portanto, um homem sem memória. Um homem condedado a errar como um autômato na história, sem passado e sem futuro.”¹²⁷

126 A.J. Saraiva e Óscar Lopes, op. cit., p.1151.

127 Lima, op. cit., p. 263.

9 Conclusão

Como vimos neste trabalho, o tema do sebastianismo é atual até hoje em dia. Aparece nas obras dos escritores portugueses atuais, apesar de os portugueses não se ocupam em propósito com este mito, a inteligência sim. E os leitores suportam isso. A escritora Luísa Costa Gomes fez uma alusão engraçada à situação que os portugueses se ocupam só com a história.

“Leitor! Este livro não fala do 25 de Abril. Não se refere ao 11 de Março e está-se nas tintas para o 25 de Novembro.¹²⁸ Pior, não menciona em lugar nenhum a guerra em África. Não reflecte sobre a nossa identidade cultural como povo, o nosso futuro como nação, o nosso lugar na comunidade europeia.

“Suportará o leitor um livro assim?”

“Duvido. Foi à sombra do benefício dessa dúvida que o escrevi e agora o dou a publicar.”¹²⁹

Quando se pensa no futuro de Portugal e da sua posição na Europa, um mito se sempre menciona- o sebastianismo. O sebastianismo é um “paradigma para a leitura da história de Portugal, capaz de incorporar as mais profundas expectativas do país e do povo em relação a si mesmos.”¹³⁰ Sempre é ligado ao patriotismo e negação do passado (rejeição da batalha de Alcácer Quibir). Quer dizer, o passado é transformado na mente do povo e projetado para o futuro.

9.1 Resistência do mito e a consciência coletiva

Como é possível que o sebastianismo perdurou tanto tempo até hoje em dia? Com certeza tem a ver com a consciência cultural e a identidade coletiva. Pela

128 25 de Abril de 1974 – Revolução dos Cravos. Ao 11 de Março de 1975 chegou à tentativa do golpe do estado (António de Spínola), ao 25 de Novembro de 1975 deu-se golpe militar que deu cabo de influência de esquerda radical que era iniciada pela Revolução dos Cravos.

129 Luísa Costa Gomes, *O pequeno Mundo* (Lisboa, Quetzal Editores, 1988), p.7.

130 Lima, op. cit., p. 254.

memória coletiva é evocada uma imagem de si próprio, essa é estabilizada e transmitida para as gerações seguintes. Estas criam a sua identidade segundo esta imagem, para delimitar-se contra as outras sociedades. A identidade do povo, da sociedade, é dada pela transmissão cultural. Assim podemos falar duma identidade coletiva que é exprimida na transmissão coletiva dos elementos pela memória cultural e da imagem dela construída.¹³¹ Isso é o caso do mito messiânico. Assim se transmitiram as ideias e esperanças “coletivas”. O mito sebastianista faz parte da identidade portuguesa, mesmo como o saudosismo (que é outro fenómeno muito interessante, ligado aos portugueses). O sebastianismo pertence aos sistemas de símbolos duma sociedade, aos sistemas de valores, nos quais se reflete a vista do mundo atual, depositada na consciência coletiva.

9.1.1 Auge do messianismo

A resposta à pergunta porque prosperava tanto o messianismo em Portugal não pode ser bem definida. Pode ser por causa de Portugal ser uma sociedade altamente religiosa que viva numa região isolada, aonde as ideias do progresso e do racionalismo não chegaram facilmente.

Outra razão pode ser o substrato celta que é caracterizado pelo amor por longíquos e fantasias (esta ideia formulou Oliveira Martins, que relacionou o rei Arthur com o protótipo de D. Sebastião). Como escreve Besselaar: “A índole sonhadora e fantasista do substrato celta tenha criado, entre os Portugueses, uma certa predisposição para embeber-se nas esperanças messiânicas.”¹³²

À prosperidade do messianismo em Portugal podia contribuir a história de Portugal. Apesar de ser um país pequeno, a “pequena casa lusitana” conseguiu resistir à Castela, defender a sua independência, e descobrir países desconhecidos e distantes. Como Portugal era uma vez país colonizador, rico e expansivo, a frustração da perda de tudo isso podia causar a “conversão” ao mundo espiritual, ao messianismo.

131 Cf. Tobias, op. cit., p. 23.

132 Basselaar, *Sebastianismo: História Summária*, p. 23.

Como Portugal uma vez já foi uma potência marítima (ao contrário à sua extensão) e teve tantas ambições, não se quis contentar com a posição dum vassalo da Castela. Podemos comparar o povo português ao povo judaico – também se sentiu ser um povo eleito por Deus. Trata-se dum mecanismo natural – buscar, encontrar razões para esperar e motivação. E com a anexão e a perda da independência concentraram-se todas as esperanças numa pessoa. Fatores psicológicos e sociopolíticos que definem esta reação a uma situação política são esperança em melhoria das próprias condições da vida. O sebastianismo é um termo superior aos vários aparecimentos do mito messiânico – espera dum redentor.

9.2 Os escritores e o sebastianismo

Para concluir este trabalho, queríamos resumir a posição dos escritores portugueses atuais perante o mito sebastianista. A sua atitude é quase em exclusivo negativa e crítica ou ridicularizante. Além de Fernando Pessoa, que é o primeiro autor com que se ocupa o nosso trabalho, e que quis contribuir para a reanimação da alma portuguesa através da esperança. Porém, outros autores e obras escolhidas apresentam-nos exclusivamente ou a crítica ou o desprezo.

José Régio mostrou na sua obra de maneira clara a sua opinião ao rei Desejado. Ele focalizou-se no contemporâneo de D. Sebastião e descreveu a situação antes da batalha de Alcácer Quibir. O comportamento de D. Sebastião no seu livro era repulsivo e indigno. Natália Correia na sua obra já passa para uma avaliação do mito do sebastianismo, o que vê como uma maluquice e um fanatismo do ponto de vista de D. João de Castro. Para o trabalho escolhimos duas obras de teatro cuja ação se desenrola na época dos acontecimentos (ou antes ou depois da batalha) e duas romances que tratam do tema a distância e do modo que aparentemente não se relaciona com o século XVI. No *Mosteiro* de Agustina Bessa-Luís é representada a posição mais científica, porque D. Sebastião é tratado de ponto de vista da psicanálise, porém, sempre assim prevalece a descrição crítica. Almeida Faria, por fim, ridiculariza completamente o assunto na sua obra *O Conquistador*. Segundo ele,

chega um D. Sebastião, conquistador dos corações femininas. Assim, como se quisesse atingir aquilo que não conseguiu na sua vida.

É importante distinguir também as obras que tratam do mito sebastianista e as que descrevem D. Sebastião próprio e os seus feitos. Com o mito sebastianista e com a crença nele ocupa-se Fernando Pessoa na primeira metade do século XX e depois Natália Correia, quando na sua obra descreve os inícios da crença na chegada dum Encoberto. Aborda-o também parcialmente Almeida Faria quando fala dos medos do menino Sebastião da crença posta nele. Porém, na sua obra também diz claramente que no sebastianismo crêm só pessoas simples e brutas.

È claro que o sebastianismo é sempre até hoje em dia um tema atual em Portugal, porém, não se trata da crença própria e exaltação do povo, como vimos na *Mensagem* de Fernando Pessoa. É mais uma atitude avaliador. Os portugueses hoje em dia não crêm na verdade num redentor que chega e salva-os. Faz, todavia, parte da história e da literatura portuguesa e como tal faz parte também do repertório literário português.

10 Shrnutí

Tato diplomová práce se zabývá projevem Šebestiánského mýtu v portugalské literatuře 20. století a za tímto účelem rozebírá pět děl z tohoto období. Navazuje také na bakalářskou práci z roku 2012 s názvem *Origem e evolução do mito sebastianista* (Vznik a vývoj šebestiánského mýtu) a rozšiřuje ji.

V první části je stručně shrnut vývoj šebestianismu do 20. století a v druhé části je přistoupeno k analýze následujících děl, která jsou uspořádána chronologicky. Začátek 20. století reprezentuje *Mensagem (Poselství)* od Fernanda Pessoa, po které následuje divadelní dílo *El-Rei Sebatião (Král Šebestián)* od José Régia. Jako další divadelní hra byla vybrána hra *O Encoberto (Skrytý)* od Natálie Correi a dále romány *O Mosteiro (Klášter)* od Agustiny Bessy-Luís a *O Conquistador (Podmanitel)* od Almeidy Farii.

Šebestianismus se v portugalské literatuře objevuje již od 16. století a je její neodlučitelnou součástí. V průběhu století se měnil postoj spisovatelů k tomuto mýtu, který se ve 20. století, jak ukazuje tato práce, ustálil na v zásadě negativním či zesměšňujícím postoji k němu. Nicméně se stále ukazuje jako jedna z největších literárních inspirací.

11 Summary

This master thesis deals with the manifestations of the sebastian myth in portuguese literature of 20th. century and for that purpose analyses five works of this period. It also continues the bachelor thesis from the year 2012 with the title *Origem e evolução do mito sebastianista* (Origin and evolution of the sebastian myth) and extends it.

In the first part, the evolution of the sebastianism until the 20th. century is briefly resumed and the second part deals with the analysis of the five following works, that are organized in chronological order. The beginning of the 20th. century represents *Mensagem (The Message)* by Fernando Pessoa, after which follows the drama *El-Rei Sebastião (The King D. Sebastian)* by José Régio. As following play was chosen the play *O Encoberto (The Hidden One)* by Natália Correia and further romances *O Mosteiro (The Monastery)* by Agustina Bessa-Luís and *O Conquistador (The Conqueror)* by Almeida Faria.

The sebastianism appears in the portuguese literature since the 16th. century and is its inseparable component. During the centuries, the attitude towards this myth was changing and in the 20th. Century, as this thesis displays, crystallized in essentially negative or lampooning attitude towards it. Yet it still represent one of the biggest literary inspirations.

12 Anotace

Jméno a příjmení autora:	Bc. Barbora Trčková
Název fakulty a katedry:	Filozofická fakulta, Katedra romanistiky
Název diplomové práce:	As Manifestações do sebastianismo no século XX. Na literatura portuguesa
Vedoucí diplomové práce:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Počet znaků:	130160
Počet příloh:	0
Počet titulů literatury a internetových zdrojů:	32
Klíčová slova:	Šebastianismus, Don Šebestián, Šebestiánský mýtus, 20. století, Fernando Pessoa, José Régio, Natália Correia, Agustina Bessa-Luís, Almeida Faria,
Abstrakt:	Diplomová práce se zabývá projevy šebestiánského mýtu v portugalské literatuře 20. století a zkoumá je na základě vybraných literárních děl. V první části práce je stručně shrnut vývoj šebestiánského mýtu od jeho vzniku do konce 19. století a v druhé části je přistoupeno k rozboru portugalských literárních děl, která jsou řazena chronologicky.

13 Bibliografia

AZEVEDO, João Lúcio de. *Evolução do sebastianismo*. Lisboa: Editora de A. M. Teixeira, 1918.

BARREIROS, António José. *História da Literatura Portuguesa II*. Braga: Editora Bezerra, 1997.

BESSA-LUÍS, Agustina. *O Mosteiro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1995.

BESSELAAR, José van den. *O Sebastianismo – História sumária*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio de Veiga & Antunes, Lda., 1987.

BESSELAAR, José van den. *António Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias*. Amadora: Livraria Bertrand, 1981.

CALDAS, Tatiana Alves Soares. *Entre o erro e a certeza – Uma leitura de O Mosteiro*, disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/07.htm> (acessado em 2/5/2014).

CARDOSO, Miguel Esteves. “Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano”. In *Análise Social*, Vol. XVIII (3. º-4. º-5. º). Lisboa: 1982.

CORREIA, Natália. *O Encoberto*. Lisboa: Afrodité, 1969.

Entrevista a António Machado Pires. In *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 3. (2005).

Entrevista a Almeida Faria, disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/11/14/escritor-almeida-faria-fala-sobre-o-sebastianismo-63545.php>. (acessado em 22/3/2015).

FARIA, Almeida. *O Conquistador*. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1993.

FONTANA, Mônica. *Sebastianismo em Pernambuco: Memória dos movimentos da Serra do Rodeador e da Pedra do Reino*, disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/104244627642445520103256149235606801672.pdf> (acessado em 2/5/2015).

GIRÃO, Maria do Rosário; SILVA, Manuel José. “El-Rei D. Sebastião: O mito português”. In *Diálogos com a Lusofonia*. Varsovia: Universidade de Varsovia, 2008, disponível em: https://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISII-UW_9_GIRAO-Maria-do-Rosario-e-SILVA-Manuel-Jose_El-Rei-D-Sebastiao.pdf (acessado em 1/5/2015), pp. 152 – 171.

GOMES, Luísa Costa. *O pequeno Mundo*. Lisboa, Quetzal Editores, 1988.

HERMANN, Jacqueline. *D. Sebastião no Brasil. Um estudo sobre o movimento sebastianista da Serra do Rodeador, Pernambuco 1820*, disponível em

http://cvc.instituto-camoes.pt/ear/coloquio/comunicacoes/jacqueline_hermann.pdf
(acessado em 2/5/2015).

KLÍMA, Jan. *Dějiny Portugalska*. Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2007.

LIMA, Isabel Pires de. *O Regresso de D. Sebastião*, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2760.pdf> (acessado em 30/4/2015).

LÓPES, Óscar; SARAIVA, A. J. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

MARINHO, Maria de Fátima. “D. Sebastião entre o Ser e o Parecer”. In *Natália Correia: 10 anos depois*. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2003. pp. 31 – 42.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

MOTA, Maria. *Polémica Sebastianista entre António Sérgio e Carlos Malheiro Dias*, disponível em <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/162/138> (acessado em 20/2/2014).

PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal - Introdução ao Problema Nacional*. Lisboa: Ática, 1979.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Livros de Bolso Europa-América, 1980.

PIRES, Alzira. *Do bico de pena à tinta da escrita: O conquistador, de Almeida Faria*, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-24092009-114549/pt-br.php> (acessado em 29/4/2015).

PIRES, António Machado. *D. Sebastião e o Encoberto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

RÉGIO, José. “El-Rei Sebastião”. In *Obra Completa – Teatro II*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, pp. 9 – 97.

ROSA, Armando Nascimento. “Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d’O Encoberto”. In *Teatro do Mundo: tradição e vanguardas: cenas de uma conversa inacabada*, orgs. Cristina Marinho e Nuno Pinto Ribeiro. Porto: Universidade do Porto - Centro de Estudos Teatrais, 2010, pp. 103 – 113.

SANTOS, Elsa Rita dos. “Ideias expressionistas no teatro de José Régio”. In *Boletim do Centro de Estudos Regionais*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 1998, pp. 54 – 58.

TOBIAS, Ruth. *Der Sebastianismo in der portugiesischen Literatur des 20. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main: TFM Verlag, 2002.

TRCKOVA, Barbora. *Origem e evolução do mito sebastianista – Tese de Bacharelato*. Olomouc: Universidade Palacky, 2012.

VIEIRA, Cristina. “Construções singulares em torno do mito sebástico”. In *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional, Volume II*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 305 – 317.